

ANEXOS

Anexo I

Guião de entrevista

Objetivos	Questões de pesquisa	Questões de entrevista
<p>1) Compreender as concepções de educadores/professores e futuros educadores/professores relativamente à autoestima;</p>	<p>Que conhecimentos têm sobre a autoestima?</p>	<p>Quando realizou a sua formação profissional teve alguma formação na área de Psicologia? E nesta formação teve a oportunidade de estudar a autoestima? O que se lembra? Que tipo de consequências acha que uma alta autoestima poderá trazer a nível académico, social e psicológico? O que pensa que poderá influenciar a autoestima das crianças em fase de Pré-escolar/1.ºCiclo? E uma baixa autoestima?</p>
	<p>Que importância é dada à autoestima pelos educadores/professores e futuros educadores/professores?</p>	<p>Acha relevante o desenvolvimento da autoestima numa fase inicial como o Pré-escolar/1.ºCiclo? Porquê?</p>
	<p>Qual o papel do educador/professor na promoção da autoestima?</p>	<p>Que tipo de comportamentos acha que um professor deve ter em atenção para detetar uma baixa autoestima? Que tipo de atitudes, por parte do professor, acha que podem agravar o desenvolvimento de uma baixa autoestima? E quais as que podem propiciar o desenvolvimento de uma alta autoestima? Que papel acha que o professor tem para a promoção desta? Já realizou alguma atividade específica para a promover?</p>
<p>2) Compreender como os futuros educadores/professores e futuros educadores/professores caracterizam os seus alunos relativamente à sua autoestima;¹</p>	<p>Como caracterizam o grupo em geral?</p>	<p>De uma forma geral, como caracteriza o grupo em relação à autoestima?</p>
	<p>Quais as crianças com baixa autoestima?</p>	<p>Quais as crianças que destaca por parecerem ter uma baixa autoestima? Como caracteriza as mesmas?</p>
	<p>Quais as crianças com alta autoestima?</p>	<p>Quais as crianças que destaca por parecerem ter uma alta autoestima? Como caracteriza as mesmas?</p>

¹ Objetivo direcionado às colegas de núcleo e às professoras cooperantes.

Anexo II
Entrevista

Entrevista realizada a dois supervisores e dois estagiários

- 1) Quando realizou a sua formação profissional teve alguma formação na área de Psicologia? E nesta formação teve a oportunidade de estudar a autoestima? O que se lembra?
- 2) Acha relevante o desenvolvimento da autoestima numa fase inicial como o Pré-escolar/1.º ciclo? Porquê?
- 3) O que pensa que poderá influenciar a autoestima das crianças?
- 4) Que tipo de consequências acha que uma alta autoestima poderá trazer a nível académico, social e psicológico?
- 5) E uma baixa autoestima?
- 6) Que tipo de comportamentos acha que um professor deve ter em atenção para detetar uma baixa autoestima?
- 7) Que tipo de atitudes, por parte do professor, acha que podem agravar o desenvolvimento de uma baixa autoestima?
- 8) E quais as que podem propiciar o desenvolvimento de uma alta autoestima?
- 9) Que papel acha que o professor tem para a promoção desta?
- 8) Já realizou alguma atividade específica para a promover?²

Entrevista realizada às professoras cooperantes e às colegas de núcleo

- 10) De uma forma geral, como caracteriza a turma em relação à autoestima?
- 11) Quais as crianças que destaca por parecerem ter uma baixa autoestima? Como caracteriza as mesmas?
- 12) Quais as crianças que destaca por parecerem ter uma alta autoestima? Como caracteriza as mesmas?

² Questão colocada apenas às professoras

Anexo III

Transcrições das entrevistas³

³ Foram retiradas partes de modo a aumentar a confidencialidade dos dados recolhidos.

Entrevista ProfC

Entrevistadora: Quando realizou a sua formação profissional teve alguma formação na área de Psicologia?

Entrevistada: Na inicial, na minha formação inicial, não, tirando as cadeiras normais de psicologia infantil acho eu que tive, de resto não fiz mais nenhuma formação a nível de psicologia.

Entrevistadora: E nesta formação teve a oportunidade de estudar a autoestima?

Entrevistada: Não.

Entrevistadora: Não, não se lembra então.

Entrevistada: Da autoestima não falamos.

(barulho cadeiras)

Entrevistadora: Mas acha relevante o desenvolvimento da autoestima no 1º Ciclo?

Entrevistada: No 1º ciclo e não só, a autoestima deve ser trabalhada ao longo da vida é claro que devemos começar no pré-escolar e 1º ciclo. Estamos a formar pessoas e acho que sim, devemos trabalhar a autoestima deles, elevá-la. Queres o porquê?

Entrevistadora: Sim, já respondeu...

Entrevistada: Já.

Entrevistadora: O que pensa que poderá influenciar a autoestima das crianças nesta fase?

Entrevistada: Da autoestima...os pares influenciam muito a autoestima, acho eu, será o...nesta idade eles já começam a ligar muito ao que os pares dizem e acho que isso influencia muito a imagem que eles têm de si, a questão dos pares. Depois tudo o resto, a cultura familiar, os contextos escolares, tudo isto influencia o seu sucesso académico

também influencia, o seu sucesso a nível social influência, mas acho que os pares são o mais importante nesta altura. Ligam muito ao que os pares dizem.

Entrevistadora: Que tipo de consequências acha que uma boa autoestima poderá trazer a nível académico, social e psicológico?

Entrevistada: Sucesso académico, as crianças com maior autoestima, com melhor imagem de si têm maior sucesso, sem dúvida. E há crianças que ultrapassam dificuldades precisamente com a autoestima deles.

Entrevistadora: A nível social e psicológico?

Entrevistada: Claro, claro. Tudo isto, a nível social ganham competências, quanto maior a sua autoestima maior as competências sociais, têm menos vergonha de si, têm mais confiança em si, claro que sim (barulho cadeiras).

Entrevistadora: E uma baixa autoestima?

Entrevistada: Precisamente ao contrário, insucesso académico, é uma das primeiras, nota-se nesta turma tive a oportunidade de ver isso, as crianças que têm menos autoestima ...têm menos sucesso académico, nota-se que está...há uma correlação direta entre essas duas, entre esses dois itens.

Entrevistadora: E que tipo de comportamentos acha que um professor deve ter em atenção para detetar uma baixa autoestima?

Entrevistada: Que tipo de comportamentos? O isolamento, é um dos primeiros que se nota, quando a criança não quer interagir, o isolamento, o não falar, o não verbalizar, o ter dificuldades em verbalizar os seus sentimentos, as suas opiniões, o repetir muito aquilo que o outro diz, ir muito de acordo com o outro, a opinião dele ser sempre com base naquilo que o outro disse, acho que são dos primeiros sinais que a gente recebe. O isolamento, o não verbalizar e o imitar as opiniões dos outros.

Entrevistadora: E que tipo de atitudes, por parte do professor, acha que podem agravar o desenvolvimento de uma baixa autoestima?

Entrevistada: Ui, tantas... (riso) são tantas as nossas atitudes que podem agravar a autoestima da criança, desde advertências verbais mais agressivas que fazemos, sem perguntar muitas vezes, nós fazemos uma advertência sem perguntar porque aquilo aconteceu, pura e simplesmente repreendemos à frente de toda a gente, muitas vezes não temos o cuidado de forma individualizada, sozinho, só com a criança e no momento mais explosivo, acho que todas essas pequenas explosões que nós temos ou todas essas chamadas de atenção que fazemos em grande grupo podem influenciar, acho que são das que mais influenciam e eu faço essas.

Entrevistadora: É difícil evitar também, e que tipo...quais as que podem propiciar o desenvolvimento da autoestima?

Entrevistada: O elogio, o reforço positivo e tudo isso também aumenta a autoestima da criança, o valorizar as suas produções, destacar aquilo a que ele é bom, não valorizar só o académico em si, a leitura, a escrita, o cálculo, mas valorizar o todo e detetar realmente as áreas em que ele é bom, é forte, destacar as...estas alturas, ou seja, na dramatização, na educação física, ou seja na comunicação oral, mas destacar naquilo que ele realmente é bom e fazer com que ele tenha um papel minimamente importante quando surgem essas oportunidade de mostrar as suas capacidades, o seu destaque.

Entrevistadora: Que papel acha que o professor tem para a promoção desta? Já respondeu esta à pouco, não sei se quer aprofundar...

Entrevistada: Não, deixa estar.

Entrevistadora: Já realizou alguma atividade específica para a promover?

Entrevistada: Não, a autoestima não...o máximo que fiz foram leituras a socorrer da literatura infantil para trabalhar um ou outro aspeto, agora específico, específico não. Não tenho assim nada, agora que eu me lembro dentro da literatura...

[...]

Transcrição da entrevista à ProfP

Entrevistadora: A senhora Prof. P tem quantos anos de serviço?

Entrevistada: Ahh, 30. Tou no trigésimo.

Entrevistadora: E Quando realizou a sua formação profissional teve alguma formação na área de Psicologia?

Entrevistada: Na área de Psicologia tive uma ou duas cadeiras de Psicologia.

Entrevistadora: E nessa formação teve a oportunidade de estudar a autoestima?

Entrevistada: Que eu não me lembro, não me lembro, se estudei não me lembro de nada. Se estudei não me lembro de nada, se estudei não me lembro de nada, mas se calhar estudei ...se usa, ahh, quando se trabalha a psicologia da criança, fala-se da autoestima. Mas não tenho ideia nenhuma. Se falei não me lembro.

Entrevistadora: Acha relevante o desenvolvimento da autoestima numa fase inicial?

Entrevistada: Sim muito, bastante.

Entrevistadora: E porquê?

Entrevistada: Ah, porque pronto a autoestima, se nós não gostarmos, se a criança não, ou nós mesmos adultos, se não gostarmos de nós próprios, se não acreditarmos nas nossas capacidades, não conseguimos fazer nada, portanto é importante desde que se nasce até que se morre. Ahh o gostar-se de si, ter confiança naquilo que se sabe e naquilo que se é capaz de fazer, acho que é relevante.

Entrevistadora: E o que pensa que poderá influenciar a autoestima nas crianças?

Entrevistada: Ahh, os reforços positivos, sempre reforços positivos, o a o a valorização das coisas que são bem feitas e a minimização das coisas, da dos comportamentos e da

das tarefas que as crianças fazem que não correm tão bem, minimizar e não dar importância e que as crianças, que as próprias crianças começam a avaliar essas coisas menos conseguidas como uma coisa que vai melhorar um dia.

Entrevistadora: E a que tipo de comportamentos acha que um educador deve ter em atenção para detetar uma baixa autoestima?

Entrevistada: Ahh, observar bastante o seu grupo de crianças e cada criança em si e distinguir entre o que é um comportamento ahh um comportamento menos próprio, de um comportamento de inibição de um comportamento de baixa autoestima, de timidez e aí nós não..., nessas crianças que têm menos timidez, que têm... que não acreditam naquilo que são capazes, que se recusam a fazer qualquer tipo de atividade com medo de falhar, ah isso tem de ser bem observado e ir contra, pronto não é ir contra, mas promover, conseguir que a criança faça e que seja capaz de ter sucesso nessa atividade para que a sua autoestima cresça.

Entrevistadora: Ahh, que tipo de atitudes, por parte do educador, acha que podem agravar o desenvolvimento de uma baixa autoestima?

Entrevistada: Ahh, reforços positivos, sempre reforços positivos, ah é assim todas as crianças precisam de reforços positivos, todos, de valorização, daquilo que eles são capazes de fazer, os que nós detetamos com baixa autoestima temos que valorizar as mais pequenas coisas, e fazer reforços positivos de todas as pequenas coisas e não dar importância, não ... não dar importância, nem valorizar as coisas, aquilo que a criança não é capaz de fazer e portanto minimizar os insucessos e maximizar ao máximo aquilo que a criança é capaz de fazer e que é um sucesso e que o resto do grupo que tenha conhecimento daquilo que a criança é capaz de fazer, para...

Entrevistadora: Que tipo de consequências acha que uma alta autoestima poderá trazer a nível escolar, social e psicológico?

Entrevistada: Todas, (riso) todas, porque uma criança segura, com uma alta autoestima, acreditando nas suas capacidades é uma criança que vai ter sucesso, que acredita que é capaz, porque conhece-se, o que é capaz e o que não é capaz, e portanto

vai ter sucesso, ora se eu sou capaz, toda a gente me leva a dizer que não sabes fazer e tu não sabes fazer e tu não sabes fazer, eu convenço-me que não sou capaz de fazer e portanto já não faço ou quando faço tou sempre com medo que as coisas corram mal. Portanto, se tiver uma boa autoestima, mesmo que haja alguém que diga que não és capaz de fazer, eu acredito que sou capaz de fazer, mesmo que seja menos...portanto isso tem influência a todos os níveis, académico, social, na relação com os outros e também a nível psicológico.

Entrevistadora: E uma baixa autoestima?

Entrevistada: É o contrário, é uma criança que tá sempre a recusar a fazer seja o que for, porque quando ela faz ahh normalmente as pessoas dizem que ela não fez bem feito e portanto isto vai, vai ficando do psi...no inconsciente da criança e ela já não faz, porque tem medo porque sabe que não vai fazer e quando as crianças chegam ao pé do adulto e mesmo da educadora e dizem: eu não faço porque eu não sei fazer, se a gente deixar que não faça, ela vai acreditar que não é capaz, e portanto nunca mais faz, portanto é preciso é dizer que ela é capaz mas estar ali, ser um suporte pa que pa que ela consiga acabar a tarefa e que, e que ela consiga acabar a tarefa e que perceba que é capaz de fazer, melhor ou pior, uma criança com baixa autoestima a fazer um desenho, nem que seja um risco tem que ter um reforço positivo, seja lá o que for.

Entrevistadora: Ahh, e, penso que já respondeu a esta questão que é: quais ahh o que é que um educador pode fazer para propiciar o desenvolvimento de uma boa autoestima?

Entrevista: É reforços positivos e minimizar e apoiar todas as crianças que dizem que não são capazes de fazer, fazer com que ela tenha um sucesso em qualquer tipo de atividades, sejam de expressão plástica, expressão motora, expressão dramática, qualquer criança que a gente se aperceba que ele não tem, é fazer, fazê-la fazer a atividade, mas com muito cuidado para que não seja um pedido superior daquilo que ela é capaz de fazer, porque se ela tiver insucesso, ela vai-se convencer que é incapaz de fazer e vai... e a baixo a baixo, a autoestima nunca mais sobe. Portanto é pedir-lhe só tarefas que a gente sabe que ela vai conseguir fazer e se não conseguir fazer na perfeição, saber que tem ali um suporte que é o educador, que tá ali a apoiá-la naquilo que ela tá a fazer.

Entrevistadora: Já realizou alguma atividade específica para a promover?

Entrevistada: Tenho impressão que não há nenhuma atividade específica para aumentar a autoestima. Agora o que se pode fazer e que às vezes eu faço é: uma criança que tem uma baixa autoestima e que tenha qualquer coisa que seja capaz de fazer melhor que os outros, põ-la a fazer perante as outras crianças para ela ter um suporte, um reforço positivo dos colegas.

[...]

Transcrição da entrevista à EA

Entrevistadora: Primeira questão: Quando realizou a sua formação profissional teve alguma formação na área de Psicologia? E nesta formação teve oportunidade de estudar a autoestima? E o que se lembra sobre ela?

Entrevistada: Ahh na formação que eu tive profissional, eu realmente tirei um curso de banca e seguros e nesse curso nós tivemos uma cadeira sobre Psicologia. Mas era uma cadeira muito ligada para a parte das vendas, aquilo que o cliente quer, a forma como devemos lidar com o cliente. Portanto não abordou de qualquer forma a autoestima porque eram outras, outras coisas que se tinham em conta. O que eu estudei de Psicologia foi por acaso para entrar, para ingressar no curso. Eu fiz o exame de, de final, o exame nacional, em psicologia e estudei por mim própria, durante as férias do verão antes de ir fazer o exame, tive a estudar e realmente foi nesse tempo que li muitas coisas sobre Psicologia, até de livros do 10º, 11º, 12º, fiz assim um apanhado e foi nessa á... foi a partir daí que comecei a ter um certo fascínio até por Psicologia e eu gosto muito do que é relacionado com isso e a autoestima, portanto li alguma coisas mas nada muito profundado sobre sobre isso. Ahh lembro-me vagamente de é o que assim tem opinião geral, é lembro-me vagamente do que li é que é considero que seja muito importante é ter autoestima, mas nesse nessa vertente é só disso que me lembro.

Entrevistadora: Acha relevante o desenvolvimento da autoestima numa fase inicial como o Pré-escolar/1ºCiclo? E porquê?

Entrevistada: Eu acho que é essencial no pré-escolar realmente desenvolver-se a autoestima porque no pré... é é acho que é no pré-escolar que se tem de apostar mais na educação a nível da formação pessoal e social mais até do nos outros níveis de ensino. E portanto sendo sendo uma fase importantíssima para a formação pessoal e social...só nessa formação pessoal como o próprio nome diz é formar-se como pessoa, não é? E eu penso que nesse sentido a autoestima ajuda muito porque se a criança tiver uma baixa autoestima ahh possivelmente pode não acreditar nas capacidades que realmente tem e como não acredita e ninguém lhes e também ninguém lhes faz ver que ela tem essas capacidades pode aos poucos ir-se desacreditando e com isso perder até a motivação para aprender, motivação para tar com os outros, para lidar com os outros. Portanto no pré-escolar é essencial, o que eu acho é que muitas vezes e neste contexto do nosso curso, acho que até é positivo, nós termos uma formação a nível do pré-escolar e do 1º ciclo porque muitas vezes se calhar o caminho que se faz no pré-escolar ahh as professoras do 1º ciclo se não tiverem consciência do que é trabalhado aqui, muitas vezes acho que chegam ao 1º ciclo e há uma rot... há uma quebra e tudo o que eles aprenderam para trás, se calhar em questões de autoestima vêm a baixo, porque não dão tanto valor na parte da educação... (entrada e saída de uma pessoa) Ahh e portanto a esse nível penso ser então essencial a nível do pré-escolar mas que é importante dar uma continuação nos outros níveis de ensino. [...] Acho relevante como em todos, não só no 1º Ciclo, como em todos os níveis do Ensino. Eu penso que a autoestima da criança está associada à própria aprendizagem dela, uma criança que tem uma baixa autoestima também vai ter dificuldades nas aprendizagens

Entrevistadora: E o que pensa que poderá influenciar a autoestima das crianças em fase de Pré-escolar/1º Ciclo?

Entrevistada: Eu penso que ahh aqui o papel da educadora é essencial porque ahh isto a autoestima também já vem um pouco da própria personalidade da criança, acho que influencia a personalidade das pessoas e ahh também questões familiares, aquilo que vai acontecendo durante a infância da criança. Mas ao nível do pré-escolar e educador poderá então ter um papel importante porque a criança quando chega se tem uma boa

autoestima, até pode ter uma autoestima até demais, ou ou má ou boa até demais, e a educadora terá uma papel importantíssimo em estimular ou as crianças...estimular as crianças que têm uma má autoestima, estimular e puxar por elas e também pôr-se talvez um...(Entrevistadora: travão) travão naquelas que têm uma autoestima elevada demais. [...]

Eu penso que na fase de 1º ciclo começam a alargar mais o campo para fora da sala de aula e dão mais importância para aquilo que os colegas dizem, enquanto que no pré-escolar estão muito influenciados pelo que a educadora, pelo que s adultos lhe dizem. Aqui abrem mais o campo para os pares, penso que essa é essencialmente a diferença.

Entrevistadora: Que tipo de consequências acha que uma alta autoestima poderá trazer a nível académico, social e psicológico?

Entrevistada: Tem, tem consequências, para mim, diretas, porque uma criança que...acho que a autoestima começa-se a trabalhar realmente desde de criança, desde idade pré-escolar e ahh isso isto é como seja uma bola de neve. Portanto se tiveres uma boa autoestima no pré-escolar, se tiveres uma boa auto..., se te permitirem continuares a ter uma boa autoestima nos níveis de ensino vai com certeza, penso eu, na minha opinião, fazer com que a pessoa acredite mais em si, que veja melhor as capacidades, que tenha consciência daquilo que sabe, mas também daquilo que não sabe, porque é importante, acho que às vezes para autoestima...às vezes as pessoas pensam que a autoestima é só o ter consciência do que faz bem, mas para mim, a autoestima também é bom que a pessoa tenha consciência dos seus limites, porque para saber viver com eles e não ficar triste porque olha: eu não sei desenhar, eu não sei cantar, mas não vou ficar triste com isso, vou dar a valor aquilo que sei fazer e deixar cair aquilo que não sei fazer mas enfrentar de...de frente, não é? Enfrentar de frente. Ter consciência do que sabe fazer, do que não sabe fazer e portanto, levando aqui à pergunta, isso vai fazer claro...tem uma consequência direta no no...a nível social, não é? E psicológico, que é a própria pessoa e depois académico porque é um ciclo atrás do outro, que se a pessoa conseguir ter uma boa autoestima vai evoluindo. Uma má autoestima acho que poderá travar o desenvolvimento a nível académico.

Entrevistadora: Quer acrescentar alguma coisa à questão 5: E uma baixa autoestima? Se pensa que tem alguma influência?

Entrevistada: Portanto, é um pouco...é o contrário do que disse a cima. É ...a alta autoestima tem consequências diretas para o sucesso e a baixa autoestima tem consequência diretas para o insucesso. De, quer a nível académico, social e psicológico.

Entrevistadora: Que tipo de comportamentos acha que um educador/professor deve ter em atenção para detetar uma baixa autoestima?

Entrevistada: Ahh, eu penso que a este nível por exemplo, acho que é muito importante ahh as conversas, a parte das rotinas, do acolhimento, nas conversas do grande grupo e também apreciar as conversas entre a criança, criança com criança e criança com adulto, porque aqui poderá ter, haver crianças que têm baixa autoestima mas que até entre elas gerem bem e têm as conversas normais e tudo, mas depois aquela criança poderá ao falar com um adulto já revelar uma autoestima baixa. Portanto acho que é preciso tar atento a isso, a forma como a criança comunica, criança com criança, criança com adulto, na nas conversas do acolhimento perceber se autonomamente responde áquilo que lhe é dito e se procura também participar na conversa mesmo que não lhe seja perguntado diretamente. Aquela criança que fica muito calada que tenta passar despercebida e que só responde também se lhe for perguntado acho que é um comportamento a ter em conta. Não quer dizer também...lá está temos de respeitar a personalidade da pessoa e da criança, não é? Há pessoas que gostam mais de estar no seu canto, são mais caladas, são mais tímidas por natureza. Isso também não quer dizer que seja preocupante, não é? Não quer dizer que essa pessoa, agora só porque é tímida, vai ter mau futuro para a frente, são pequenos pormenores que a educadora deve ter em atenção para saber se passa do que é normal para uma coisa mais profunda mais... [...] Eu penso que deve ter sempre em atenção a criança, se a criança tenta esconder-se, tenta passar despercebida, se quando é questionada se mostra, se revela alguma timidez, acho que o professor com esses pequenos pormenores, que depois consegue ver se a criança tem uma baixa autoestima.

Entrevistadora: E que tipo de atitudes, por parte do educador, acha que podem agravar o desenvolvimento de uma baixa autoestima?

Entrevistada: Ahh, por exemplo eu acho que quando o educador quando se apercebe que uma criança tem autoestima baixa. Neste caso a pergunta é...exato, baixa

autoestima. Eu penso que é importante valorizar, dar sempre valor, quando a criança vem mostrar um trabalho, se calhar mais do que às outras, as crianças que têm uma autoestima normal ou até elevada, não é preciso estar sempre a reforçar porque isso depois poderá fazer o contrário. É a criança achar também que é melhor do que os outros, neste caso baixa autoestima acho que é muito importante o educador olhar para um desenho e dizer: muito bem, conseguiste. Estar sempre a reforçar ...

Entrevistadora: Mas isso é o que o educador pode fazer para aumentar a autoestima. O que é que acha que ele faz ...e que pode agravar?

Entrevistada: Ah para agravar, é exato, tava aqui a confundir ...

[...]

Entrevistada: O que pode agravar é fazer precisamente o contrário. Portanto é uma criança tem uma baixa autoestima, vir-nos mostrar qualquer coisa e nós a tratarmos com indiferença. Por outro lado também, por exemplo se a criança tem uma autoestima baixa, penso que não deve ser confrontada de forma muito direta, por exemplo em conversa de grupo não deve ser obrigada, por exemplo lembro-me, tou me a lembrar de dramatizações. Se a criança tem baixa autoestima e se tem vergonha, também não deve ser obrigada a fazer, devemos tentar dar por exemplo dar um papel mais secundário, em que ela participa também e sente-se a participar mas não tá tão exposta e portanto é a esse nível, o que o que o educador poderá fazer é, para agravar, é obrigar por exemplo obrigar a criança a expor e a obriga-la a falar quando tá em grande grupo acho que é isso que pode fazer para agravar. [...] É assim, o professor acho que pode ter muitas atitudes, se a criança já é tímida, pode até não ter uma baixa autoestima, mas se por sua natureza é ser tímida e se o professor a coloca em situações demasiado expostas, ou então se o aluno erra e o professor evidencia e o crítica por errar, grita com a criança, se a obriga a ir ao quadro quando a criança ainda não está muito segura do que vai fazer e a coloca, por exemplo, numa situação de ir ao quadro e se a criança está com timidez e tem uma baixa autoestima acho que isso é uma atitude que não deve ser tomada pelo professor, poderá agravar a autoestima da criança.

Entrevistadora: E agora o oposto?

Entrevistada: É um pouco o que eu tava a dizer no início não é? É realmente, para propiciar o desenvolvimento da boa autoestima é realmente fazer bastantes vezes o reforço daquilo que está bem e não é só dizer: ah tá bem tá bem tá bonito, não é... é quando por exemplo a criança está a dizer: ah eu não, mas eu não quero fazer porque não consigo, ou eu não gosto disso, é se calhar insistir um pouco, se se também às vezes as condições não permitem mas tentar sentar um pouco com a criança e dizer vá tu consegues, eu fico aqui, eu ajudo-te e depois no fim reforçar, dizer: então tás a ver como consegues, visto era mais fácil do que aquilo que estavas a pensar, tu consegues. Dar esse tipo de reforço e acompanhamento.

[...] É o inverso, é por exemplo, ir, se a criança não está muito segura, o professor vai, por exemplo, ao lugar, tenta perceber quais são as dificuldades dela, tentar ajudá-la e depois para aumentar a autoestima diz: olha, agora vais ao quadro e corriges. Agora a criança já vai com mais segurança, já teve o feedback, isso depois até pode ser bom para mostrar aos colegas que fez e que soube. Mas acho que o professor tem que ter essa atitude de lhe transmitir confiança. Mais para a criança perceber que tem ali um amigo, não é? Em quem pode confiar.

Entrevistadora: Então que papel acha que o educador/professor tem para a promoção da autoestima?

Entrevistada: Acho que tem um papel importantíssimo porque muitas vezes a criança quando chega ao infantário já fez um, para ela, num sentido da fase a criança já fez um longo caminho em casa, não é? E portanto o papel da família neste caso poderá ser muito importante para uma boa ou para uma má autoestima. E quando chega ao infantário o educador tem um papel muito importante nas vertentes que é: se deteta que a criança tem má autoestima, tem um papel importante para a puxar para cima e tentar desenvolver a autoestima, se por um lado vê que a família, porque às vezes acontece as famílias, a mãe valorizarem demais as crianças em casa e elas quando chegam ao infantário acham que são as melhores e que são boas em tudo e depois estão habituadas a que os pais estão sempre de: tá tudo bem, és a melhor, e depois também não sabem gerir muito bem quando...as atividades de grupo. Portanto, o papel do educador é muito importante quer para a má quer para a boa, neste sentido de tentar caminhar e levar as coisas até à melhor.

Transcrição da entrevista à EB

Entrevistadora: Deixa-me ver se tá gravando. Tá. Posso começar?

Entrevistada: Podes.

Entrevistadora: Obrigada desde já pela participação (risos). Ahh, quando realizou a sua formação profissional teve alguma formação na área de Psicologia?

Entrevista: Sim, tivemos uma cadeira intitulada Psicologia do desenvolvimento da criança, mas...

Entrevistadora: E nessa formação teve oportunidade de estudar a autoestima? E o que se lembra?

Entrevistada: É assim do que me lembro não falamos da autoestima. Desenvolvemos mais nessa cadeira foram as fases de desenvolvimento de Piaget, ahh os comportamentos, dentro disso.

Entrevistadora: Ahh, acha relevante o desenvolvimento da autoestima numa fase inicial como o Pré-escolar/1.º Ciclo? E porquê?

Entrevistada: Sim acho muito relevante porque nessa idade as crianças estão a construir a sua identidade pessoal e precisam que os adultos os estimulem e precisam de criar uma identidade própria e ao entrarem no pré-escolar têm de aprender a partilhar as atenções com outros colegas, aprender a lidar com mais pessoas e para essa adaptação é necessário um desenvolvimento da autoestima para que a criança não se feche em si própria. [...] Porque uma criança com uma boa autoestima vai-se conseguir integrar bem na turma, vai conseguir desenvolver a aprendizagem de modo mais adequado, tem uma presença e um comportamento diferente na sala, vai ter mais uma atitude de participar, de cooperar e uma criança que não tem uma autoestima acaba-se por fechar um bocadinho em si, acaba por considerar que não é capaz, claro que uma com boa autoestima vai se sentir capaz e ai sentindo-se capaz vai conseguir desenvolver muito melhor a sua aprendizagem

Entrevistadora: O que pensa que poderá influenciar a autoestima das crianças em fase de Pré-escolar/1.º Ciclo?

Entrevistada: A meu ver a autoestima poderá ser influenciada por elogios realizados por familiares e educadores, por superação de desafios colocados pelos educadores. Acho que é muito importantes as crianças serem desafiadas, nunca limitarmos a pequenos exercícios fáceis mas a desafios que os façam perceber que são capazes, mais capazes. Ahh é isso (riso) [...] Acho que principalmente o feedback que é dado pela professora e também a relação com os alunos, se a professora elogiar, acompanhar, estiver atenta não só aos erros mas também àquilo que eles sabem fazer de melhor, se derem, se a professora der atenção a isso e se tiverem um bom relacionamento com os colegas acho que o envolvimento com o resto dos alunos na turma tem grande influência na autoestima, se não tiverem uma boa relação com o resto dos colegas também acabam por não conseguir desenvolver uma boa autoestima.

Entrevistadora: Que tipo de consequências acha que uma alta autoestima poderá trazer a nível académico, social e psicológico?

Entrevistada: Acho que tem uma grande influência na medida em que uma criança com uma boa autoestima terá uma boa relação com os outros. Logo a nível social será uma pessoa realizada e a participativa, participante ativa na sociedade. Conseguirá obter bons resultados académicos porque vai acreditar em si, no seu potencial e terá um equilíbrio emocional para gerir as adversidades da vida.

Entrevistadora: E uma baixa autoestima?

Entrevistada: Uma baixa autoestima levará a uma...levará que a criança tenha uma falta de motivação para, uma falta de motivação para a questão académica. Pode levar ao insucesso escolar, não vai acreditar em si e pode isolar-se das outras pessoas.

Entrevistadora: Que tipo de comportamentos acha que um educador/professor deve ter em atenção para detetar uma baixa autoestima?

Entrevistada: O educador deve ter em atenção as crianças que se isolam do grupo, que se recusam a participar nas atividades, que têm tendência a parecerem tristes e a desinteressadas pelo que é realizado. [...] Um professor deve estar atento a cada aluno, ver se...aperceber-se se essa criança está isolada do resto da turma, se é uma criança que praticamente não fala, não participa, estar atenta a essas crianças e tentar falar com cada uma nem que seja por breves momentos ao longo do dia, mas tentar interagir bastante com os alunos. Só assim poderá perceber se a criança tem baixa autoestima ou não.

Entrevistadora: Que tipo de atitudes, por parte do educador/professor, acha que podem agravar o desenvolvimento de uma baixa autoestima?

Entrevistada: Acho que se o educador fizer comentários do tipo: não és capaz, és muito burro, não...tentar isolar a criança e não pedir a participação dessa criança nas atividades, tentar pensar sempre que essa criança nunca vai ser capaz, essa criança vai perceber a atitude do educador e vai ter um comportamento nesse sentido de sentir-se não capaz. [...] Se o professor estiver sempre a salientar os erros e irá frustrar a criança se estiver sempre. Para já se não ligar a criança, se desprezar um pouco a criança, se só vir nela atitudes negativas, os erros, o mau comportamento e se nunca salientar aquilo de bom que a criança tiver, aí vai agravar o desenvolvimento e prejudicar muito a criança, levando a uma baixa autoestima.

Entrevistadora: E quais as que podem propiciar o desenvolvimento da autoestima?

Entrevistada: O educador estar atento à criança, solicitar a sua participação, fazer elogios, ahh dizer que esta vai conseguir, que tem de tentar, que se não for capaz pode repetir, dentro disso. [...] Acho que o acompanhamento da criança, fazer-lhe elogios, como já tinha referido, falar com ela, pedir para participar na aula, dar-lhes papéis importantes ao longo das aulas para perceber que tem...que pode participar, que é importante naquele processo de aprendizagem, dentro disso.

Entrevistadora: Que papel então acha que o educador/professor tem para a promoção da autoestima?

Entrevistada: Acho que o educador tem um papel muito importante porque nessa fase em que as crianças tão estão a desprender-se dos pais e o educador acaba por ser uma pessoa muito importante na vida deles e se o educador apoiar essas crianças, incentivá-las as crianças vão sentir segurança e assim conseguem desenvolver a sua autoestima. [...] O professor tem um papel muito importante, porque o professor acaba por acompanhar muitas horas e meses e anos da vida da criança e sendo um adulto que está a acompanhar, a orientar a educação e a aprendizagem da criança o adulto tem de estar atento à autoestima da criança e tentar arranjar meios de promover a autoestima de todas as crianças, não é? Integrando e diferenciando por grupos, diferenciar também, às vezes. as crianças por grupos também acaba por não ser positivo, tentar tratar todos de igual forma.

Anexo IV
Sistema de categorização das entrevistas

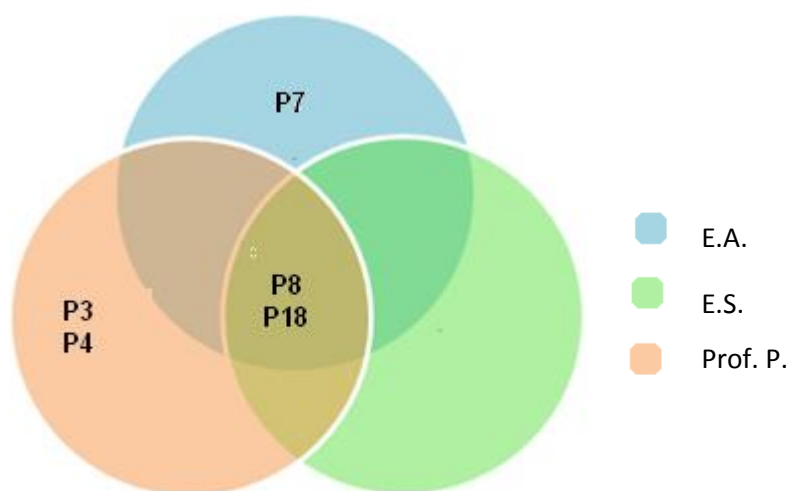
Categoria	Subcategoria (1)	Indicador (2)	Prof P		Prof1		E A		E S	
			1	2	1	2	1	2	1	3
Conceito de autoestima	Global	Gostar de si/conhecer e aceitar suas potencialidades e capacidades		3				2		
		Aceitar as suas limitações e fracassos					2			
	Específica	Desempenho Académico								
		Física								
		Social								
Fatores que influenciam a autoestima	Características individuais						2			
	Sociedade	Família			1	1	1	3		1
		Contexto Escolar				2		1		2
		Pares				4		2		4
Efeitos associados à baixa autoestima	Insucesso	Académico				2	1	1		1
		Social						1		
	Recusa/ Não participa		2							2
	Timidez						1			
	Aparentarem estar tristes									1
	Medo de falhar		3							
	Dificuldades de interação	Isolamento			1	3				5
	Menor motivação	Para aprender						1	2	1
		Para estar com os outros						2		
	Não acreditar em si	Nas suas capacidades		1				2	1	2
	Dificuldade em se exprimir	Sentimentos			2	1				
		Opiniões				1				
		De forma independente				4				
	Fazer-se de “engraçado”									
	Tentar passar “despercebido”						3			
	Dificuldades na aprendizagem						1			
	Evitar	Falar				1		1		1
		Olhar								
	Sucesso	Académico	2		1	1	1			3

Efeitos associados à alta autoestima		Social				2				2
	Aceitam fracassos e dificuldades	Aceitam aquilo que não sabem						1		
	Ultrapassam dificuldades com maior facilidade					1				1
	Sentem-se mais realizados									1
	Equilíbrio emocional	Sentimento de segurança							1	1
	Adotam comportamentos cooperativos									1
	Mais Participativos/mais autónomos nesta participação	Escola						2	1	1
		Sociedade								1
	São líderes									
	Não têm medo									
	Têm menos vergonha de si					1				
	Acreditam em si /Têm confiança em si	Nas suas capacidades		4	1		1	1	2	1
		No que sabem		1				1		
Observação do comportamento	Em grande grupo			1			1	1		
	Individual			1						
	Análise do conteúdo da comunicação						2	3		
Distinguir o que é normal do que é diferente	Criança-Adulto							3		
	Criança – Criança							3		
	Timidez		2	1			1	3		
Estratégias promotoras da autoestima	Desenvolvimento global menor									
	Indisciplina			1						
	Extinção		6							
Destacar/valorizar capacidades e sucessos do aluno	Em grande grupo		4	2	4	1	2	1	2	
	Mostrar que acredita na criança						1		2	3
Conversando			1				2		4	
Empatia							1			
Tratar todos da mesma forma									1	
Incentivar participação	Insistir um pouco						1	1		
Diversificar as áreas curriculares de intervenção									1	
Disponibilizar-se/apoiar/estimular/estar atento		6		4		4			10	
Garantir o êxito/Pedir tarefas com êxito garantido		3								

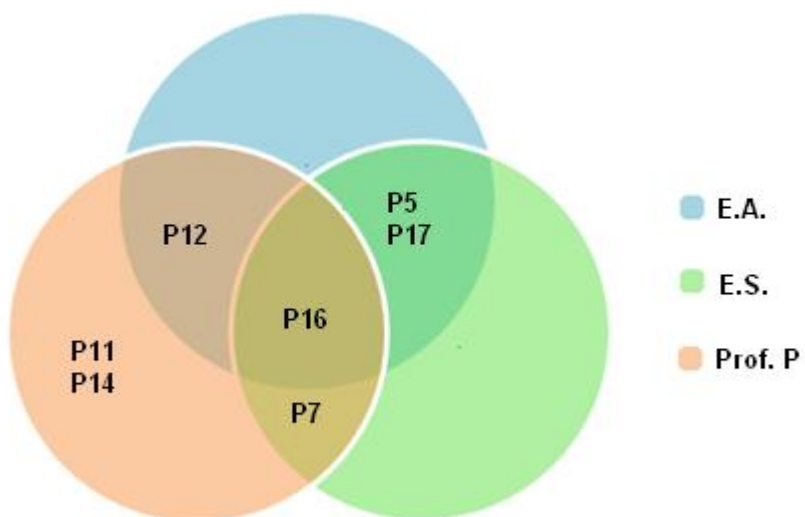
	Adaptar atividades	Dar papel de importância							1	
		Dar papel secundário					1			
	Trabalhar ao longo de toda a vida/formação	De forma contínua		1			1			
		Desde idade pré-escolar			1		2			
	Reforços positivos		8		2		4		1	
	Valorizar áreas não curriculares				1					
Realizar atividades com o objetivo central de aumentar a autoestima										
Situações inibidoras da autoestima	Advertências verbais mais agressivas				2		1			
	Inexistência de reforços positivos						1		1	
	Repreender em público				2					
	Não perguntar causas para determinados comportamentos				1					
	Excluir criança/diferenciar	Não “ligar” à criança							1	1
		Excluir na participação								1
	Salientar muito os erros						1		2	
	Confrontar de forma direta a criança						2			
	Desacreditar	Salientar apenas aspetos negativos							1	3
	Obrigar	Falar					3	1		
Participar em determinadas atividades							2			

Anexo V
Diagramas de *Venn* (Pré-escolar)

Crianças consideradas com alta autoestima pelas entrevistadas (Pré-escolar)



Crianças consideradas com baixa autoestima pelas entrevistadas (Pré-escolar)



Anexo VI

Grelha de observação das crianças indicadas com baixa autoestima

Observações	P11	P12	P14	P16	P7	P5	P17
Faz os trabalhos de forma apressada							
Não termina trabalhos							
Destabiliza aula (ex.: barulho)			+		+		
Não quer realizar atividade		+	++	++			
Recorre à agressividade (física ou verbal)			++				
Afasta olhar		+	++	+		+	+
Gestos nervosos (ex.: mexer na roupa)						+	+
Não realiza ação por iniciativa própria				++			
Resiste ao pedido do educador		++		++			
Chora			+	++		+	
Isola-se		+					

Legenda	
+	Observado uma vez
++	Observado mais que uma vez

Anexo VII

Entrevista à professora titular do 1.º Ciclo
(realizada pelas três estagiárias do núcleo)

Entrevista à professora Cooperante realizada pelas três estagiárias no início da Prática Supervisionada II

Entrevistadora) Acha que a participação dos pais é importante no sucesso/desempenho escolar dos alunos? Porquê?

Cooperante) Claro que sim.

Entrevistadora) Em que medida?

Cooperante) É importante a expectativa que o pai põe no aluno, mais do que ajudar... ter boas expectativas perante a escola, auxiliar sempre a escola no sentido do que a escola disser – sim senhor, deve ser isso. Não contrariar o que se faz na escola, só nesta medida já é apoiar. Mais do que isso não podemos obrigar os pais... Nem todos os pais têm a mesma formação. Os alunos não entram todos no mesmo patamar. Mas se andarmos todos de mãos dadas já é importante, elevamos as expectativas em relação à escola, à sua importância para a vida futura, social e académica.

Entrevistadora) Na sua opinião, qual a importância que as famílias dos alunos dão à escola?

Cooperante) Nós temos, se viram no PCT, uma pequena percentagem que valoriza muito a escola, os alunos valorizam e sabem que a escola vai ser importante. E depois temos uma percentagem grande de pais que não quer saber, que a escola é um sítio onde deixam os seus filhos e mais nada...que não aprendem nada, que os professores andam a brincar... Portanto a expectativa é muito baixa em relação a nós, em relação aos filhos. Têm baixa expectativa porque não há dinheiro, a perspectiva é casar e ter filhos.

Entrevistadora) Tem encontrado alguma dificuldade na relação com os pais? Por exemplo, quando precisam da participação dos pais para alguma atividade...

Cooperante) Sim, nós pedimos. Este ano ainda não. Nós tentamos sempre chamar os pais à escola. Quando é o dia do pai, no dia da mãe temos sempre uma atividade. No ano passado fizemos jogos tradicionais com os pais, com as mães uma sessão de aeróbica. Tivemos um festival de sopas, em que os pais trouxeram as sopas. Nós

chamamos os pais a participar e há uma percentagem significativa dos pais que participam, mas depois são sempre os mesmos, são aqueles que à partida já têm boas expectativas, que estão abertos a...que querem participar.

Entrevistadores) Normalmente estão associados aos alunos com melhores resultados...

Cooperante) Infelizmente, infelizmente é um bocadinho assim. Claro que temos exceções à regra e felizmente que é assim... Senão não valia a pena acordar de manhã e vir para aqui, há sempre surpresas. A escola em si chama muito os pais a participar e também no Natal fazemos rifas para o sorteio do cabaz... partilha de alimentos.

Entrevistadora) Se fosse necessário a participação em contexto de um trabalho, um projeto, em que fosse preciso que eles viessem cá fazer alguma coisa...

Cooperante) Se houvesse disponibilidade a nível profissional, tenho pais que sim. Claro que há entraves a nível de horários porque os que participam são os que trabalham. Os que estão em casa...estes, não vais ter grande colaboração. Infelizmente é assim...é a minha realidade há 5 anos. Agora temos pais que participam...há trabalhos que eles levam para fazerem em família...

Entrevistadora) Em que área a turma apresenta maiores dificuldades?

Cooperante) Só posso escolher uma?

Entrevistadora) Uma ou mais.

Cooperante) Língua Portuguesa e Matemática.

Entrevistadora) E o que é feito extra ao que está planificado?

Cooperante) Ter maior cuidado na planificação destas atividades, tenho sempre o cuidado de em Língua Portuguesa apelar muito à leitura, à escrita, favorecer um ambiente propício à escrita, fazer com que o aluno reflita bem, tentar dar um feedback muito positivo ao aluno. Na Matemática, tento sempre fazer uma pequena rotina, um aquecimento... repito muito o mesmo tipo de exercício para ver se ganham confiança, para depois ir aumentando o grau de dificuldade. Nas outras áreas, onde eles estão mais à vontade, já não é preciso este tipo de cuidado, este escalamento...eu começo sempre do mais básico...vamos construindo na Matemática e Língua Portuguesa. No Estudo do Meio já não há esta dificuldade...

Entrevistadora) Se calhar é uma área boa para fazer interdisciplinaridade, se calhar puxá-los pelo Estudo do Meio, que gostam mais...

Cooperante) Eles não gostam mais de Estudo do Meio. Eles têm menos dificuldades em Estudo do Meio, porque são atentos, eles conseguem captar o que estas a dizer, qualquer um dos nossos alunos sabe do que se está a falar em Estudo do Meio... eles têm esta noção e como não exige grande habilidade de escrita, nem de cálculo, nem de leitura...fazemos muito a nível de oralidade, da transmissão de conhecimentos, usamos muito os vídeos e os powerpoints e eles vão aderindo melhor a estes conteúdos, eles têm uma noção... mas claro quando exigir estudo...isso vamos ver.

Entrevistadora) Que tipo de metodologias costuma utilizar mais nas suas aulas? Situando mais nos modelos pedagógicos...qual é o que a professora tem mais...?

Cooperante) Eu não tenho, tento sempre o ensino pela descoberta, gosto pessoalmente deste, formei-me um bocadinho neste. Tentar levar o aluno a construir o seu conhecimento. Mas mais do que isso não uso nenhum em específico, nem nas técnicas que uso para ensinar a, b ou c, não tenho uma única forma de o fazer... conforme o feedback que a turma me vai dando.

Entrevistadora) Em relação aos trabalhos de grupo... Eles costumam fazer trabalho de grupo?

Cooperante) Sim.

Entrevistadora) Mais ou menos com que frequência?

Cooperante) É assim eles sentados estão sempre em grupo, mas não estão sempre a fazer trabalho de grupo. Quer saber em que áreas fazem?

Entrevistadora) Que tipo de trabalho?

Cooperante) Eles fazem trabalho a pares na escrita, na correção...construção de cartazes...é basicamente isso. Mas fazemos em todas as áreas.

Entrevistadora) E eles gostam? São receptivos a isso?

Cooperante) A turma gosta...a turma gosta de tudo, pode ser uma aula completamente expositiva como pode ser uma aula em que estás a mostrar um vídeo. Eles motivam-se

facilmente, pode ser pelo tom da tua voz, pelo tema, pelo tipo de trabalho que estás a pedir...eles não vão gostar mais porque é trabalho de grupo, nem vão reagir mal à aula por ser trabalho de grupo. Eles aderem bem a qualquer atividade que tu proponhas.

Entrevistadora) Em relação aos trabalhos de casa, nós também sabemos que é frequente, não é?

Cooperante) Eles têm sempre trabalho de casa, todos os dias.

Entrevistadora) De que tipo de trabalhos? Pesquisa, resolução de exercícios, usam o manual...?

Cooperante) O trabalho de casa geralmente...eu tento que seja trabalho que possa ser feito em 30 minutos e de forma autónoma. Raramente levam trabalho de casa que exija a presença de um adulto. Eu tento sempre que eles levem trabalho que sejam capazes de chegar a cada e fazer sozinhos. Quando é de pesquisa, evito este tipo de trabalho porque nem todos estão na mesma situação. Temos alunos que têm internet ao seu dispor, temos alunos com biblioteca...e depois temos alunos que não têm nada. E não gosto, muitas vezes evito este tipo de situação para não os colocar na situação de quem teve internet e livros conseguiu fazer, quem não teve não conseguiu fazer ou conseguiu apresentar uma coisa mais pobre. Claro que tento sempre dizer quando há trabalho de pesquisa, ainda no ano passado houve sobre a freguesia...foi muito pela oralidade, falar com os mais velhos em casa, falar com a família. A pesquisa tem sido feita muito pelo conto dos familiares, o que sabem sobre o tema. Evito sempre o tipo de pesquisa de internet e livros porque não estão todos na mesma situação. Há pais que podem transportar o filho para a biblioteca pública e tenho pais que fazem isso. E depois há outros que...não me chateies com isso agora.

Entrevistadora) Por exemplo, num contexto em que seja facultada toda a informação para pesquisa, por exemplo, trazemos nós... eles são receptivos a isso, têm autonomia para seleccionar a informação?

Cooperante) Sim, dentro de início de 4º ano. Não se esqueçam de pensar que temos alunos que acabaram agora o 3º ano. Não estão no final de um 4º ano. E o 3º ano deles foi fraco. Não temos uma grande turma aqui. O nível deles é um bocadinho baixo, um bocadinho elementar. Mas se nós reduzirmos um bocadinho a informação que estamos a dar e tentar seleccionar...eles pelo menos tentam.

Entrevistadora) Se tentar dividir, dar a mesma informação mas dividir por áreas?

Cooperante) Se calhar é mais fácil, tentar sempre facilitar o que vai para casa, eu nunca tento dificultar.

Entrevistadora) Em relação ao trabalho de projeto, eles já desenvolveram algum trabalho de projeto? Este ano não porque não houve tempo mas no ano passado houve algum trabalho de projeto com todos ou individualmente?

Cooperante) Eu acho que não... com a outra turma eu fiz mas com esta ainda não.

Entrevistadora) Que informações complementares é que pode acrescentar?

Cooperante) Nenhuma. A qualquer altura que queiram ver alguma apontamento mais esclarecido...

Entrevistadora) Se tivesse uma varinha de condão e lhe fosse dado poder para alterar/melhorar algum aspeto da sua turma ou das suas práticas diárias, quais seriam os aspetos que mudaria?

Cooperante) Nada, não mudava nada, não mudava o aluno, não mudava a minha prática... neste momento não mudava nada. Quando venho aqui para a escola tento dar sempre o meu melhor. Nunca saio daqui com a sensação de que poderia ter feito mais. Venho sempre para aqui com o meu máximo. Se mais não dou é porque não sei. Se soubesse, eu própria construiria a minha varinha de condão. Mas não, não mudava nem os alunos, nem o espaço. Está ótimo assim. É preciso é trabalhar com eles.

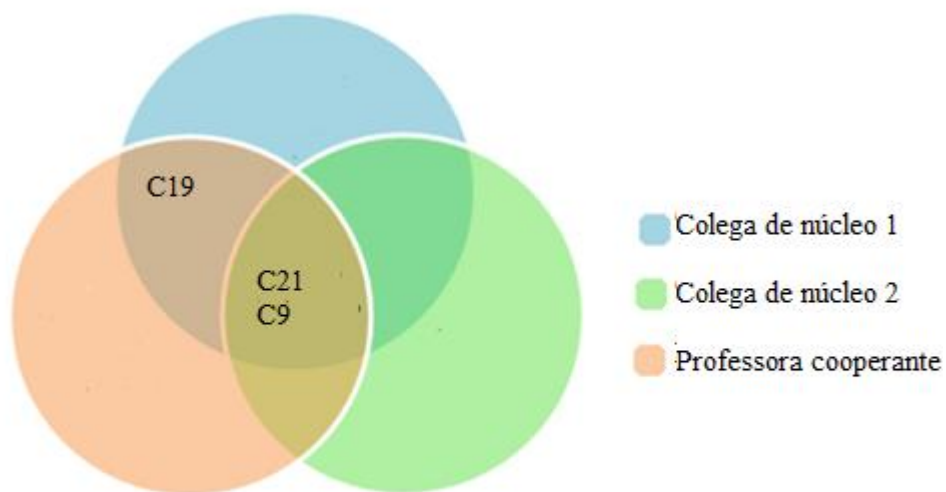
Anexo VIII

Tabela informativa sobre alunos do 1º Ciclo

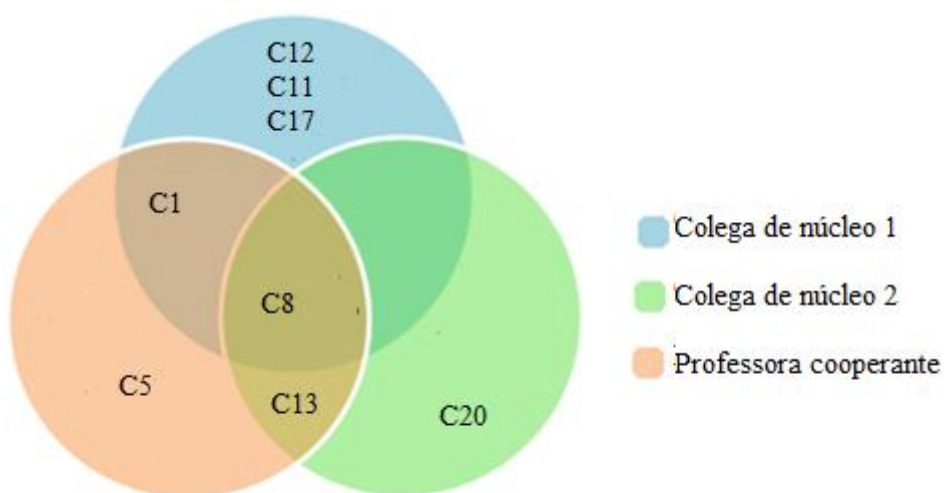
Nº	Nome	Idade	Ano	Nível	Nº Retenções	A.E.	E.E.
1	C1	9	4	4	0	X	
2	C2	9	4	4	0		
3	C3	9	4	4	0	X	
4	C4	9	4	4	1	X	
5	C5	9	4	4	0	X	
6	C6	9	4	4	0		
7	C7	10	4	---	0		X
8	C8	10	4	4	0		X
9	C9	9	4	4	0		
10	C10	10	4	4	1	X	
11	C11	9	4	4	0		
12	C12	10	4	4	1	X	
13	C13	10	4	4	1	X	
14	C14	10	4	4	1		
15	C15	9	4	4	0		
16	C16	10	4	---	0		X
17	C17	10	4	2/3	0		X
18	C18	10	4	4	1	X	
19	C19	9	4	4	0		
20	C20	10	4	4	1	X	
21	C21	9	4	4	0		

Anexo IX
Diagramas de *Venn* (1° Ciclo)

Crianças consideradas com alta autoestima pelas entrevistadas (1º Ciclo)



Crianças consideradas com baixa autoestima pelas entrevistadas (1º Ciclo)



Anexo X

Descrição da atividade adaptada do livro “És especial e único” de Paulo Moreira

Atividade “O mistério do lago”

Objetivos:

- Observar as características do texto em Banda Desenhada.
- Explorar as características físicas e psicológicas de cada aluno.

Explicação:

- Realiza-se a leitura da história – 1ª Parte
- Explora-se as características deste tipo de texto.
- Inicia-se um momento de diálogo com questões de compreensão de texto e questiona-se os alunos sobre as suas características físicas, com o auxílio das fichas do anexo XI.
- Realiza-se a leitura da 2ª Parte da história.
- Questiona-se os alunos sobre as suas características psicológicas, com o auxílio das fichas do anexo XI.

PARTE 1 DA HISTÓRIA

“O mistério do lago” de Paulo Moreira





É isso!

Correu para lá e quando chegou viu que havia muita água!



Aproximou-se dela e vergou-se para beber.



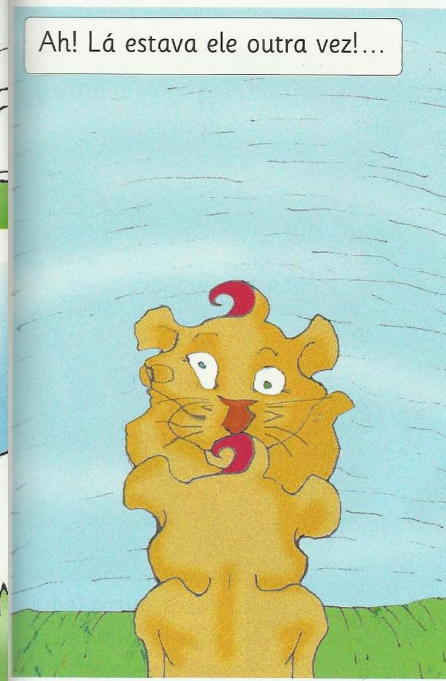
Quando aproximou a boca da água, deu um grito de susto! Ah...hhhhhhhhh!!!



Deu um salto para trás e foi esconder-se atrás de um arbusto, porque parecia que estava ali outro leãozinho como ele.



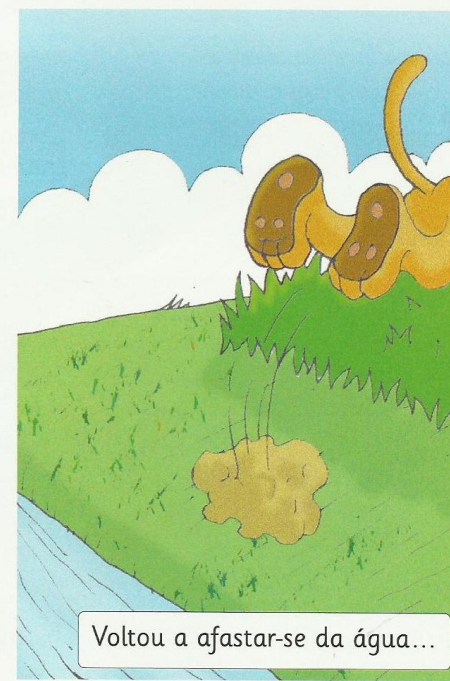
Esperou um pouco, mas como não se passava nada, o Leo resolveu arriscar e aproximou-se outra vez da água.



Ah! Lá estava ele outra vez!...



Muito devagarinho, aproximou-se, baixou a cabeça, pôs a boca na água e...



Voltou a afastar-se da água...

Mas depois encheu-se de coragem, aproximou-se novamente e... confirmou as suas expectativas.



Estava mesmo lá outro leão!

E o Leo perguntou-lhe:

Como te chamas?



Mas o outro leão não respondeu.

O Leo pensou que ele era mal-educado porque não lhe respondia. E voltou a perguntar:

Como te chamas?

Como é que foste parar aí dentro?



Mas o outro leão não respondia. Até parecia que estava a gozar com ele, porque, quando o Leo falava, ele mexia os lábios.



Quando o Leo parava, ele também parava e não mexia os lábios. O Leo não estava a gostar nada da brincadeira!



Até ficou enervado!

Ouve lá! Se tu não paras de me gozar, eu dou-te uma patada!



E ao mesmo tempo que o Leo disse isto, levantou a pata.

E o outro fez exactamente a mesma coisa!



Então o Leo ficou mesmo muito enervado!

Eu avisei-te!



Quando lá chegou, esticou a pata da frente e atirou-se contra o outro leão.



Mas que estranho!... O outro leão desapareceu!



E o Leo está todo molhado dentro da água...

Vou dar-te uma lição para não gozares mais comigo!



Então o Leo andou um pouco para trás, tomou balanço e correu para a água.



Aparece! Anda lá!

Onde é que estás?



Mas não apareceu ninguém...

Então o Leo saiu da água todo chateado.

Cobarde!
És um covarde!

Mas, novamente, não encontrou ninguém!

E ficou outra vez ali, no meio da água, todo molhado...

Sacudiu a água do seu pêlo e depois aproximou-se de novo para ver se o outro estava lá.

Cobarde!
És um covarde!

E estava mesmo!

Então o Leo ficou irritado e atirou-se outra vez à água para ver se o apanhava.

Anda cá, seu covarde!

Desta vez não me escapas...

Mas o Leo não desistiu... Aproximou-se de novo da água e pensou:

Desta vez não me vais enganar.

Então, antes de se atirar, começou a observar o que o outro fazia.



O outro leão também estava com o pêlo molhado e há pouco não estava.



Hei! Hei! Espera aí!... Quer dizer então que aquele ali sou eu?



Se ele andava para o lado esquerdo, o outro também andava...



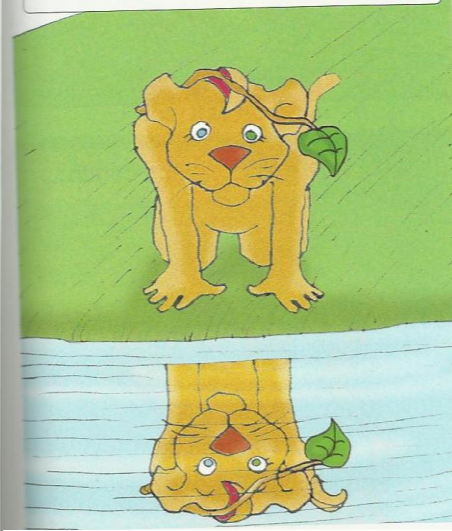
Então isso significa que ele também esteve dentro da água; mas o Leo não viu ninguém...



Dentro da água só estava o Leo...



Foi buscar uma folha e pô-la na cabeça. O outro fez o mesmo...

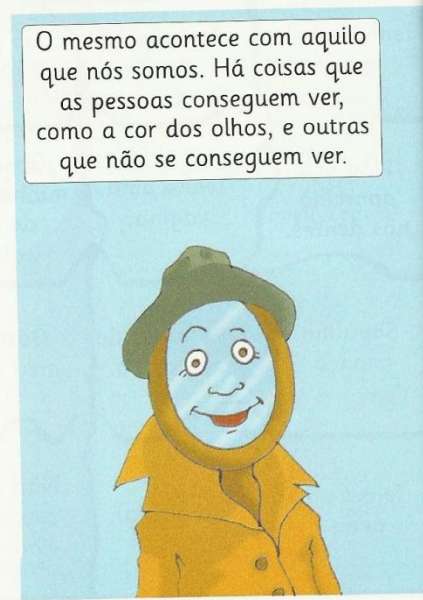


Depois esfregou-se em lama e o outro também ficou todo sujo!





2ª PARTE DA HISTÓRIA





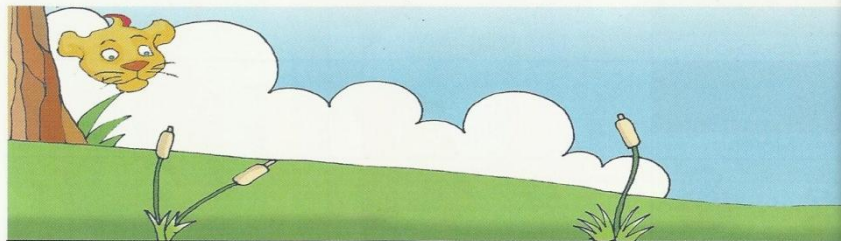
Anexo XI

Exemplos de instrumentos que auxiliaram na caracterização dos alunos do 1º Ciclo

A minha família é assim...

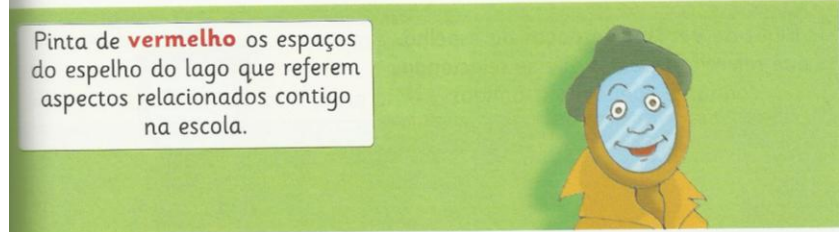


O Leo gostou muito de te conhecer melhor. Ele agora quer saber como é a tua família. Pinta de **amarelo** os espaços do espelho do lago que referem aspectos relacionados contigo e com a tua família.

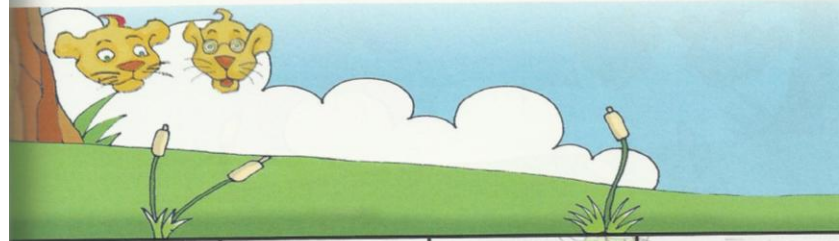


O meu pai trabalha.	Tenho brinquedos.	Não vivo com os meus avós.	O meu pai não trabalha.
Sou a única criança na família.	Eu gosto da minha família.	Tenho um irmão ou uma irmã.	Há mais crianças na família.
Eu porto-me bem.	Vivo com os meus avós.	Não tenho brinquedos.	Não tenho um quarto só para mim.
Tenho um quarto só para mim.	A minha família gosta de mim.	Não tenho cão nem gato.	A minha mãe não trabalha.
Tenho cão ou gato.	Não tenho um irmão ou uma irmã.	A minha mãe trabalha.	A minha família gosta das coisas que eu faço.

Na escola, eu sou assim...



Pinta de **vermelho** os espaços do espelho do lago que referem aspectos relacionados contigo na escola.



Sou rápido(a) a fazer os trabalhos da escola.	Eu não faço coisas que não devo fazer.	Sou tão esperto(a) como os meus colegas.	Uma vez fiz um trabalho muito bonito.
Lembro-me das coisas que aprendo.	Faço bem os trabalhos da escola.	Acho a escola divertida.	Às vezes porto-me bem na escola.
Uma vez tirei uma boa nota.	Uma vez fiz um bom trabalho.	Eu porto-me bem.	É fácil responder às perguntas que me fazem.
Uma vez a professora gostou do que eu fiz.	Faço os trabalhos sozinho(a).	Eu sou bom em algumas coisas.	Uma vez respondi certo a uma pergunta.

Com os meus amigos, eu sou assim...



Pinta de **verde** os espaços do espelho que referem aspectos que se relacionam contigo e com os teus amigos.




Tenho muitos amigos.	Os meus amigos gostam de mim.	Eu gosto dos meus amigos.	Eu brinco com os meus amigos.
Gostava de ter mais amigos.	É fácil fazer amigos.	Não é fácil fazer amigos.	Eu dou-me bem com os meus amigos.
Não me dou bem com os meus amigos.	Gosto de estar com os meus amigos.	Não gosto de estar com os meus amigos.	Eu empresto coisas aos meus amigos.
Sou simpático para os meus amigos.	Os meus amigos emprestam-me coisas.	Os meus amigos tratam-me mal.	Os meus amigos tratam-me bem.

A brincar, eu sou assim...

Pinta de **castanho** os espaços do espelho do lago que referem aspectos relacionados com o modo como brincas.

Gosto de brincar.	Gosto mais de ver os outros brincar.	Pratico tão bem os vários desportos como os meus amigos.	Eu tenho um desporto preferido.
Não tenho um desporto preferido.	Sou bom(a) num desporto.	Sei jogar bem um jogo.	Sou logo bom(a) num jogo novo.
Gosto de ver televisão.	Gosto de jogar à bola e no computador.	Gosto de inventar jogos.	O meu jogo preferido é _____
Gosto de brincar com bonecas.	Gosto de jogar futebol.	Gosto de andar de bicicleta.	Gosto de contar anedotas.

Pinta com a cor azul os quadrados do espelho do lago que definem características que tu tens.

Tenho olhos azuis.	Sou magro(a).	Uso aparelho nos dentes.	Tenho cabelo claro.	Tenho pele escura.
Não uso óculos.	Tenho sardas.	Sou um adulto.	Não sou alto nem baixo.	Tenho um corpo bonito.
Tenho cabelo escuro.	Tenho pele clara.	Uso cabelo curto.	Sou gordinho(a).	Tenho olhos verdes.
Não uso aparelho nos dentes.	Tenho uma vagina.	Gosto da minha cara e do meu cabelo.	Sou baixo(a).	Uso cabelo comprido.
Sou uma criança.	Não gosto do meu corpo.	Gosto do meu corpo.	Tenho olhos castanhos.	Não gosto da minha cara nem do meu cabelo.
Tenho um pênis.	Sou alto(a).	Não tenho um corpo bonito.	Uso óculos.	Tenho olhos pretos.

Teste do autor Miranda (2004), presente no livro: *Um voo possível: O sucesso escolar nas asas da auto-estima*. Lisboa: Edições ASA.

Tu...	Sempre	Quase sempre	Às vezes	Quase nunca	Nunca
Achas-te uma pessoa boa com os outros?					
Tens muitos amigos?					
Gostas de ajudar os teus colegas?					
Desistes facilmente das coisas que fazes?					
Achas que os outros são melhores do que tu?					
Achas que os outros gostam de ti?					
És tímido?					
Achas-te agressivo?					
Acreditas em Deus?					
Vives bem com a tua família?					
Tens medo de errar?					
Sentes-te feliz?					
Sentes-te sozinho?					
Interessas-te pelos estudos?					
Gostarias de ter um corpo diferente?					
Gostarias de ser diferente na tua maneira de ser?					
Sentes-te bem quando estás em grupo?					
Gostas da escola?					
Gostas dos teus professores?					
Tens vergonha de ti mesmo?					
Qual a aula de que gostas mais?	Matemática do Meio		Português		Estudo
		Inglês		Educação Física	
Qual a aula de que gostas menos?	Matemática do Meio		Português		Estudo
		Inglês		Educação Física	

ANEXO XII

Experiências com ovos

A Extraordinária Força de um Ovo

(retirado de: http://www.cienciaviva.pt/projectos/scienceduc/exp_ovos.pdf)

Já reparaste como os ovos são fáceis de partir? Tem que se mexer neles sempre com muito cuidado, não é? Já reparaste que nas mercearias e supermercados estão numas caixas especiais que os protegem?

Pois nem tudo é como parece... Se assim fosse como é que uma galinha punha um ovo? Já pensaste que quando a galinha põe os ovos, estes saem bem apertadinhos e caem no chão?

E que a galinha tem que chocar os ovos para os pintainhos nascerem?

Se os ovos fossem mesmo fraquinhos, há muito que já não havia galinhas e outros animais que nascem de ovos.

Vamos testar a força de um ovo.

Material: Caixas de ovos; ovos; 1 tabuleiro; livros

Procedimento:

1 - Se tiveres uma caixa de ovos grande, põe um ovo em cada canto da caixa. Se não tiveres, usa duas caixas pequenas como indicado na figura. Nota que os ovos devem ser todos do mesmo tamanho.

2 - Põe sobre os ovos um tabuleiro. Verifica se ele fica bem assente nos ovos todos, se não ficar vai experimentando outros ovos até encontrares 4 do mesmo tamanho.

3 - Vai pondo livros sobre o tabuleiro e conta quantos consegues pôr.

Vais ver que vais ficar admirado. Se tiveres uma balança, podes até pesar os livros que os ovos aguentaram até se partirem.

Nota:

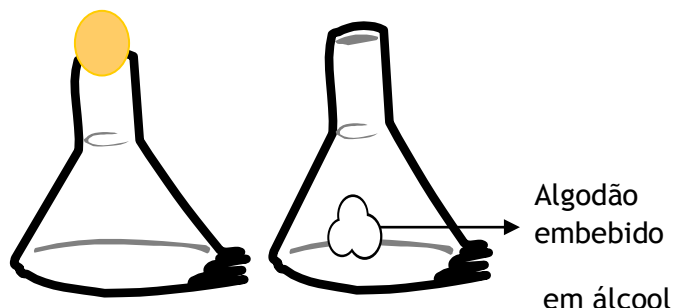
Os ovos são muito fortes, mas não aguentam tudo... E esta experiência pode sujar um pouco se algum ovo se partir. Assim, é melhor tapar a mesa com jornais ou um plástico.



Truque do ovo na garrafa (informação cedida por colega de curso)

Material

- ❑ 2 Ovos cozidos e sem casca
- ❑ Garrafa de vidro de bocal largo (erlenmeyer ou balão de vidro de 1 ou 2l, depende do tamanho dos ovos)
- ❑ Pinça comprida
- ❑ Algodão
- ❑ Fósforos longos de lareira
- ❑ Álcool



Procedimento

- Apresentar todo o material necessário à realização da experiência, incentivando as crianças a identificar cada peça. Dizer-lhes que esta garrafa é usada pelos cientistas, nos laboratórios, para realizarem as suas experiências e que se designa por erlenmeyer. Pedir às crianças para repetirem a palavra erlenmeyer.
- Perguntar às crianças se gostam de ovos cozidos. Mostrar os que já estão cozidos previamente.
- Colocar o ovo cozido no bocal da garrafa, o qual deve ser ligeiramente inferior ao diâmetro do ovo para não o deixar entrar, e fazer o ovo saltitar no bocal, sem nunca o deixar entrar.
- Mostrar-se muito espantado por o ovo não entrar e perguntar por que é que o ovo não entra. (R:) Normalmente não sabem. O que é que está dentro do erlenmeyer? (R: *ar*) Então o que é que temos de fazer para o ovo entrar? (R: *tirar o ar de dentro do erlenmeyer*) E o que vamos fazer para tirar o ar? Têm alguma ideia? (se os alunos não tiverem nenhuma sugestão para o fazer, o monitor deverá lançar alguma perguntas de modo a estes terem um participação mais activa na actividade. Ex: Virar a garrafa ao contrário?...))
- Para que serve o álcool? (R: *desinfectar as feridas ou material, atear fogo*). Explicar para que vou utilizar o álcool e advertir para os perigos.
- Retirar o ovo do gargalo da garrafa.
- Embeber o algodão em álcool segurando-o com a pinça e colocá-lo dentro da garrafa. Colocar o frasco do álcool na outra ponta da mesa e chamar a atenção para o facto de

que, quando mexemos em fósforos o frasco do álcool tem de estar bem longe para não existir risco de incêndio.

- Incendiar o pedaço de algodão com álcool, e colocar rapidamente o ovo novamente no gargalo.
- Chamar a atenção das crianças para o ovo a saltitar. Quando o ovo cair para dentro da garrafa exclamar: O ovo entrou sem eu o empurrar!!!.
- Explicar a razão pelo ovo saltitar: *a chama aqueceu o ar; o ar quando fica quente aumenta e tem que sair e por isso empurrou o ovo para sair*
- Mas como é que o ovo entrou se ninguém o empurrou?! (R:). O que aconteceu quando o algodão deixou de arder? O ar ficou mais frio ou mais quente? (R: mais frio) Esse ar dentro do erlenmeyer, que ficou mais frio, “encolheu” deixando espaço (*dentro da garrafa ficou um espaço vazio e o ovo entrou para esse espaço*) E agora? Como é que vamos tirar o ovo de dentro da garrafa? (R) Ensaiair sempre que possível as suas sugestões. Uma das hipóteses possíveis é soprar para dentro da garrafa.

Actividade opcional

- No segundo processo, vira-se a garrafa ao contrário e coloca-se o ovo junto ao gargalo e sopra-se com força

Anexo XIII

Iceberg de Plummer (2012)

Iceberg de Plummer (2012)

Observáveis (ponta do Iceberg):

Afasta olhar, falta muito à escola, gestos nervosos/inquietação, postura débil, estraga o próprio trabalho, problemas na fala, balança-se na cadeira, gosta de rotinas, causa distração nos outros, chora muito, a criança “invisível”, não completa a totalidade do trabalho ou completa de forma apressada, evita contacto/é reservado/senta-se sozinho, róí as unhas/caneta/puxa a roupa, estabelece objetivos que não poderão ser atingidos, agressivo com os colegas/intimida os outros/insulta os outros, interações restritas com os outros/competências sociais fracas, precisa de atenção/barulhento/ o “palhaço” da turma, pergunta com frequência: “falta muito para acabar as aulas/ o almoço/ o intervalo?”, causa distração nos outros, quando elogiado, dispara contra outra pessoa, não controla a urina, raramente sorri/ expressão vazia, desliga/tem dificuldade em concentrar-se, dependente emocionalmente, automutilação

Não observáveis (parte submersa do Iceberg):

Sente-se diferente, sente-se rejeitado/indesejado, sente-se incompreendido, zangado/ressentido, sente-se “revoltado” por dentro, frustrado, sente-se sozinho/posto de lado, frustrado, intimidado, sente-se “estúpido”, tudo é um esforço, deprimido, letárgico/cansado, nervoso/ansioso/posto de lado, medo de falhar, ritmo cardíaco acelerado, ciumento, tem dores de estômago/de cabeça/sente-se enjoado/tem a boca seca, com medo de falhar, ciumento, sente-se inadequado/inútil, sente-se pressionado, não tem controlo, medroso, sente-se indigno, sente-se desesperado, assoberbado, inseguro, isolado

Anexo XIV

Diários de Bordo (Momentos de Retorno à calma/Relaxamento)

Prática Pré-escolar

MOMENTOS DE RETORNO À CALMA/RELAXAMENTO

5 de março

A semente

A atividade “A semente” decorreu no primeiro dia de estágio, em contexto de Pré-escolar e, tal como era previsto, realizou-se depois do intervalo de 30 minutos que terminou às 10:30. Esta foi a primeira atividade dirigida pela estagiária, visto que de manhã ocorrera a aula de Educação Física, onde tinha apenas de auxiliar o professor na execução da mesma, e de seguida os alunos tinham apenas sido conduzidos para o momento do leite.

Esta atividade foi retirada e adaptada do livro “Relaxar as crianças no Pré-escolar”. Os objetivos principais desta eram: permitir atenuar alguma tensão nervosa e muscular, conseqüente do momento de intervalo, favorecendo uma melhor descontração e também permitir que as crianças aprendam a controlar os seus gestos, a fixar a sua atenção e a concentrarem-se.

Depois de terminar o intervalo foi pedido que os alunos fizessem uma fila, o que ocorreu normalmente visto que os alunos já estavam familiarizados com este pedido, feito todos os dias pela educadora cooperante. Quando chegamos à entrada da sala os alunos foram confrontados com o pedido da estagiária de entrarem em silêncio e dirigirem-se para o tapete, sentando-se calmamente e em círculo no mesmo.

Logo de manhã, antes da chegada das crianças, já tinha sido colocado e testado o cd com a música “A Primavera” necessária para a atividade. O grupo já estava familiarizado com os momentos de retorno à calma (também eram realizados pela educadora cooperante) e por isso a estagiária decidiu explicar diretamente a atividade. No momento em que se deslocava para o leitor de cd’s, pediu para se levantarem e que ficassem um pouco afastados uns dos outros. Neste momento foi observado como o facto de a sala ser pequena dificultava a procura de espaço livre para todos os alunos. Foi necessário orientar algumas crianças na sua posição visto terem ficado inertes ao pedido (ex.: P6, P12, P1, P9). Depois de estarem todos num local adequado retomou-se a ida para o leitor de cd’s. A partir dessa zona explicou-se que deveriam imaginar que eram sementinhas e que deveriam imitar tudo o que a estagiária fazia. Depois de colocar

a música, num tom baixo, iniciou a atividade tal como tinha treinado (diversas vezes) em casa:

Encolheu-se e disse: “- *Tal como a semente, vamos tornar-nos muito pequeninos. Estamos escondidos na terra, muito quentinhos. Não nos mexemos, não falamos, respiramos “muito devagarinho”, ninguém sabe que estamos ali. A primavera chega, o tempo começa a aquecer. A semente cresce só um bocadinho e começa a sair da terra. (começa-se a levantar a cabeça); – A planta cresce...ela cresce cada vez mais. (as mãos soltam-se); - um pouco mais alto, ainda mais alto, cada vez mais alto. (começa-se a levantar o resto do corpo); - As folhas da planta crescem. (estica-se os dedos); - Quando a planta fica madura transforma-se numa mãe e dá outras sementes. (corpo o mais esticado possível); - No fim a planta começa a murchar. (realiza-se o processo oposto até ficarem com o corpo encolhido) ”.*

Durante este momento a educadora cooperante e as colegas decidiram fechar as cortinas, o que imediatamente alertou-me para a relevância destes pormenores.

Tal como já tinha sido constatado nas observações, confirmou-se que era um grupo muito participativo e interessado. Nenhuma criança referiu não querer fazer a atividade. No entanto, o aluno P1. foi o único que não realizava qualquer movimento, estando sempre na mesma posição. Tal situação fez com que diversas vezes, durante a atividade, interrompesse o que estava a fazer/dizer para incentivar o aluno a participar. Neste momento compreendo que, apesar de querer incentivá-lo, estava apenas a dar-lhe ordens, como por exemplo: “Encolhe-te P1.”; “Finge que és uma semente pequena na terra”; “Estica os braços”. Mas tais interrupções não serviram de incentivo e apenas atraíram a atenção para o aluno em questão.

Os nervos durante esta atividade não existiram e por isso não tentei apressá-la. Era sem dúvida uma atividade em que me sentia confortável. Decidi realizá-la novamente, visto que reparei que algumas crianças tinham apenas observado o que tinha feito e não tinham realizado todos os movimentos. Nesta segunda vez, não realizei interrupções e consegui “fugir” mais da mimica estudada em casa e incluí outros movimentos, como vento a bater na planta, o nascimento de frutos, o seu cheiro, a vinda de uma tempestade e do bom tempo (Sol) depois. Apesar disto não consegui que o P1. participasse ativamente. Neste momento, penso que poderia ter pedido aos alunos para sugerirem alguns gestos para a atividade. Sair do zona de conforto, do que estava planificado, parece ainda ser território a evitar. Fica o desejo de conseguir no momento

da prática desprender-me do que planejei e conseguir ver o que poderei realizar para melhorar a minha prática.

6 de março

O Senhor Polegar

Esta atividade decorreu na 1ª intervenção, na parte da tarde depois do intervalo. Depois de estarem sentados no tapete cantámos uma música para retomar o silêncio. Aproveitou-se o sossego e foi referido que os alunos iam conhecer o senhor Polegar e que deveriam imitar tudo o que a estagiária fazia. Este tipo de atividade geralmente é do meu gosto e por isso consegui realizar naturalmente e da forma como tinha treinado em casa.

Inicialmente mostrei a minha mão com todos os dedos esticados e com um pequeno rosto desenhado no dedo polegar. Neste momento aproveitei para pedir que estivessem atentos e que fizessem os mesmos gestos. De seguida, falando suavemente e com momentos de silêncio entre cada frase, disse: *-Shiuuu, o Senhor Polegar tem sono. Vou-o deitar.* (dobra o polegar sobre a palma da mão). *- Está muito barulho, é melhor fechar a porta da cozinha.* (dobra o dedo indicador), *- E a porta da sala de jantar.* (dobra o dedo médio), *- A porta da casa de banho também.* (dobra o anelar), *- Ah! E sem esquecer a porta do quarto.* (dobra o mindinho). Com o punho fechado sussurra: *- Senhor Polegar, está aqui? - Chiu! Estou a dormir!* (tom de voz grave), *- Senhor polegar, estás aqui?, - Já vou sair!* (bocejando e desdobrando o polegar), *- E digo bom dia a ti, indicador.* (desdobra o indicador), *- Bom dia a ti, médio!* (desdobra médio), *- Bom dia a ti, anelar.* (desdobra anelar), *- Bom dia a ti, mindinho!* (desdobra mindinho), *- E para acabar bom dia a toda a gente!* (sacudindo mãos). Nesse momento decidi com a mão que realizei a mimica fazer cocegas à criança ao meu lado, que era o P1, o que criou um momento de risos entre todos os alunos.

Durante a mimica, anterior às cocegas, todos estavam muito interessados e até pareciam hipnotizados. Estavam todos tão atentos com a atividade que não realizavam qualquer dos gestos pedidos, limitavam-se a observar.

No final decidi que deveria repetir a atividade e esclarecer que todos deveriam tentar realizar os gestos e sons comigo e que se fosse muito difícil controlar os dedos poderiam utilizar a outra mão para auxiliar.

Na segunda vez, alguns alunos já tentaram realizar as mímicas com a mão. Muitos apresentavam, como era de esperar, dificuldade em controlar os movimentos dos dedos. Alguns conseguiram realizar os gestos e dizer algumas partes mais fáceis como: dizer shiuuu, fingir o bocejo, falar com voz grave. Com esta atividade consegui que alunos mais tímidos (P5, P17) também realizassem estas pequenas dramatizações. O facto de a atenção não estar “virada” para eles e todos estarem a fazer ao mesmo tempo levou-me a pensar que isto poderá ter ajudado na desinibição dos mesmos. No final relembramos os nomes dos dedos, muitos já se tinham esquecido.

27 de março

Mosquitos

Esta pequena atividade decorreu depois do intervalo do almoço. Esta pequena dramatização é do mesmo estilo que “O Senhor Polegar” e por isso quando a escolhi pensei que seria do agrado das crianças. Tal como das outras vezes as crianças estavam sentadas em círculo no tapete. Referi que lhes queria ensinar algo muito giro que aprendi com um senhor do continente. De facto isto era verdade, tinha aprendido com um contador de histórias numa formação para voluntários do dia do Gil, é como o professor Adolfo F. sempre nos diz: a formação para esta profissão constrói-se não só na universidade...

Desta vez, ao contrário do Senhor Polegar decidi que deveria exemplificar primeiro, dar a oportunidade que todos observassem. A dramatização decorreu tal como tinha realizado em casa e todos estavam atentos, até a educadora referiu que até depois de tantos anos aprende coisas novas connosco. Embora seja difícil de compreender a atividade por escrito o desenvolvimento foi o seguinte:

Desenvolvimento: “ *Bzzzz... O que é que os mosquitos fazem?* (com a mão fazemos um mosquito a voar) *Picam* (fingimos uma picadela na mão) ...*auuuu...o que é que nós fazemos? Coçamos...* (som de coçar e movimento) ...*Não!* (dizer com dedo não) *Pomos pomada!* (som e gesto de abrir pomada e depois som de por pomada na mão) *Ahhh* (som de alívio) *Vamos fazer agora sem dizer nada?*” Repete-se tudo sem falar, só com gestos e sons. “*Mas também existem mosquitos muito pequeninoos. Vamos fazer?*” Repete-se tudo só que com gestos e sons muito pequenos. “*Mas também*

existem mosquitos muito grandees.” Repete-se tudo novamente mas com sons e gestos bem grandes.

Numa segunda vez, todos realizaram comigo. Rapidamente conseguiram apreender os movimentos e sons a realizar. Quando vi que o P1. estava a realizar fiquei muito contente, com a atividade a sementinha não tinha conseguido tal feito!

Parecia que todos estavam a gostar, principalmente de fazer os gestos e sons muito grandes. Realmente a oportunidade de dizer o mais alto possível “Ahhh!” (som de alívio) numa sala não é muito comum. Ainda repetimos mais uma vez e de seguida o P14 sugeriu que fizéssemos as abelhas, a ideia pareceu-me muito interessante e por isso realizámos.

29 de março

Em que criança estou a pensar? (sentimento de competência)

Esta atividade de retorno à calma foi realizada depois do intervalo de almoço. Depois de todos estarem sentados, em círculo no tapete, procedeu-se à explicação da atividade, apesar de nunca a terem realizado pareceu-me, no momento, que todos tinham percebido. Explicou-se que neste jogo a estagiaria iria pensar numa criança e que eles teriam de descobrir quem era, para isso teriam pistas. Nesse momento uma criança perguntou: o que são pistas? O significado desta palavra pareceu-me tão evidente que a melhor maneira que encontrei de explicar foi através de um exemplo. Talvez deveria ter explicado primeiro o significado para de seguida dar o exemplo...Apesar disto a criança pareceu compreender e conseguiu participar na atividade normalmente. Na primeira criança que pensei, logo após ter dito uma pista (É uma rapariga) todos apressaram-se para dizer: *Eu sei!!* Ora aí estava a consequência de não ter dito na explicação que deveriam esperar por várias pistas para terem a certeza de quem era a criança. Só quando fui confrontada com esta situação é que esclareci-lhes sobre este facto. Realmente, ao longo da atividade as regras foram sendo explicitadas em vez de terem sido todas apresentadas inicialmente.

Nos primeiros exemplos as crianças participavam livremente, quem sabia respondia...Mas com o passar do tempo fui-me apercebendo que eram sempre as mesmas crianças que participavam, por exemplo, P8, P7, P18, P11, P3, P4, P14, P13. Tentando inverter a situação, primeiramente, decidi que quem achava que sabia deveria

levantar o dedo, caso dissesse sem ter o dedo levantado perdia. Esta técnica auxiliou-me muito na observação de quem queria participar e quem não participava e a controlar os mais excitados com a atividade. Numa segunda fase, ao ver que existia um grupo que necessitava de ser incentivado, decidi escolher a criança que deveria descobrir.

Crianças que por vontade própria não participavam, como o P1, o P6, o P19, a P5 quando questionados sabiam responder. De todo o grupo quem mostrou mais dificuldades foi o P2 e o P12.

Apesar de não estar especulado na planificação, optei, numa fase final, permitir que os alunos pensassem numa criança e formulassem as pistas. O grau de dificuldade era superior e nem todos os alunos tiveram a oportunidade de realizar esta tarefa. Algumas crianças que a realizaram tiveram de ter apoio, por exemplo quando não sabiam uma pista eu dava um exemplo de pista e perguntava se estava certa. Por exemplo: *Esse menino que estás a pensar está de calças de ganga?*; a criança respondia se sim ou não e isso ajudava os colegas. Talvez com a realização dessa atividade mais uma vez os alunos realizariam as pistas de forma mais autónoma.

30 de março

As massagens (consciência do outro/contacto)

Descrição: As crianças, em pares, irão fazer massagens umas às outras, seguindo as minhas indicações. A educadora mostra às crianças a maneira como se deslocam diversos animais, por exemplo, o elefante, a serpente, a formiga e muitos outros. As crianças dispõem-se livremente no tapete, em pares, uma deitada e a outra a fazer as massagens e vice-versa. A criança que realiza as massagens pressiona com as mãos nas costas do seu companheiro simulando as pegadas que deixariam os animais ao deslocar-se: por exemplo, o elefante faz-se de punhos fechados; a formiga com a pontinha dos dedos; a rã com movimentos descontínuos, como se saltitasse; a serpente com um movimento contínuo. Este exercício de relaxamento tem por objetivo sensibilizar zonas distintas das costas e responder a uma reação táctil.

Esta atividade foi escolhida porque na intervenção da minha colega E.S. os alunos mostraram muito interesse. No tapete, sentados em círculo, depois do intervalo de almoço disse aos alunos que íamos fazer as massagens que a E.S. tinha ensinado. Imediatamente ficaram todos interessados. As minhas colegas fecharam as cortinas e

referi o par de cada criança. Não houve escolha prévia, as crianças faziam ao que estava ao seu lado. O P14 queria receber as massagens mas quando era a sua vez de agir referia que doía nos dedos fazer. Foi necessário chamar-lhe constantemente à atenção.

7 de maio

A caixinha mágica (criatividade)

Descrição: Caixinha mágica - Esta é uma atividade para desenvolver a criatividade. No tapete, começo por dizer que tenho uma caixinha mágica invisível (que só funciona com silêncio) finjo abrir a caixa e tiro de lá o que quiser, por exemplo quando abro digo que tem lá borboletas e faço o gesto de borboletas (as crianças têm de fazer o mesmo gesto). Quando finjo que fechei a caixa todos têm logo de parar os gestos. Passo a caixa a uma criança que faz o mesmo mas “sai” da caixa o que ela quiser e assim sucessivamente.

Esta atividade decorreu depois do intervalo do almoço e como de costume estavam todos sentados em círculo no tapete. Como o professor Adolfo Fialho já nos tinha dito é necessário, às vezes, criar o efeito mistério e por isso comecei por referir que tinha uma coisa muito especial para lhes mostrar mas que só funciona com muito silêncio. Depois do silêncio fingi que estava a pegar numa caixa e meti na minha frente, todos estavam atentos. Expliquei que da caixa consigo tirar tudo o que quiser e aí fingi abri-la e tirar de lá borboletas (gesto com a mão), pedi que todos fizessem também borboletas, quando fingi fechar a caixa todos tiveram de parar os gestos. Ao mimar passar a caixa a uma criança perguntei o que ia sair da caixa mágica. Todos os alunos participaram e houve alunos que quiseram repetir...ao que parece estavam cheios de ideias! Alguns deles eram: o P13, o P14, o P8, a P18, o P12 e o P15. Durante a atividade saíram borboletas, aviões, carros, motas, tratores, sapos, leões... da nossa caixa mágica. Foi muito bom ver o P1. entusiasmado e a tirar da caixa motos e carros.

Um facto interessante foi de que algumas crianças não queriam “fechar” a caixa mágica e quando dizia para passarem a outro colega referiam: Mas ainda não fechei a caixa! E lá tinha eu de os convencer a fazê-lo... Outro facto interessante foi que perguntaram se tinha mesmo ali um caixa invisível...Ouvir isso foi muito compensador, ver que tinham mergulhado na fantasia. Claro que afirmei até ao fim estar ali uma caixa!

7 de maio

O Comboio (sentimento de pertença)

Descrição: O comboio é uma atividade de trabalho de equipa, no momento em que as crianças vão para o recreio fazem uma fila. Algumas destas serão o motor do comboio (fazem som de motores), outras são as rodas (fazem gestos com os braços de rodas a movimentarem-se), outras são o motorista (conduz na frente), outras os apitos (fazem som de apito) e por fim outras as chaminés (som de fumo a sair). Os meninos que são os apitos e chaminés emitem o som apenas quando for indicado pelo motorista.

Esta atividade decorreu antes de irmos para o recreio das 10:30, todos os alunos estavam sentados no tapete e os encarregados do dia foram a meu pedido para o lado da porta. Como de costume pedi para cantarem “Se eu fosse um peixinho”, canção utilizada para chamá-los para a fila. Quando todos já estavam na fila pedi para que ficassem dois a dois, o que causou alguma agitação. Expliquei que iríamos fazer um comboio especial para irmos para o recreio e que nesse comboio cada um ia ter um papel muito importante, que uns iam ser as rodas, outros o motor... Durante esta explicação, no fundo da fila, alguns já não prestavam atenção e por isso tive de repetir. Nesse momento arrependi-me de os ter levantado e formado já a fila, a explicação e distribuição dos papéis de cada um ainda no tapete ter-me-ia facilitado a vida em muito! A verdade é que a falta de tempo apressou a atividade.

A distribuição dos papéis de cada um foi aleatória, os da frente eram os motoristas, depois os seguintes eram as rodas, depois tinha os apitos, os do meio eram as chaminés e os do fundo eram motores. Posteriormente à distribuição, a estagiária fez o som/movimento correspondente a cada uma das partes. Foi necessário insistir nesta parte perguntando a alguns alunos o que eram e o que tinham de fazer. Testámos o nosso comboio ainda dentro da sala mas parados, teria sido interessante ter andando pela sala... Os motores que estavam ao fundo eram os menos ativos, penso que era o som mais difícil de produzir e como estavam no fundo tinham ser mais incentivados. Os motoristas trabalharam bem e os apitos e chaminés trabalhavam sempre que um motorista fazia o seu gesto correspondente. No entanto, às vezes era necessário referir o que os motoristas tinham mandado fazer. Teria sido interessante se os motoristas tivessem placas, ora para as chaminés ora para os apitos. Sempre que levantassem uma delas os colegas já saberiam, talvez para uma próxima... Percorremos o corredor e

fomos até ao pátio, no final era visível o orgulho de algumas das crianças no seu comboio, mas noutras nem tanto...

8 de maio

A rede da amizade (elogio)

Explicação: Nesta atividade, um rolo de lã vai passando pelas crianças que têm de fazer um elogio sobre o colega a que passam o rolo de lã, no final teremos uma teia de amizade.

Esta foi a última atividade de retorno à calma realizada pela estagiária e por isso já havia uma grande empatia, a meu ver. Sendo já no último dia, em casa não perspetivei qual o possível seguimento que a atividade poderia ter.

Depois de chamar o grupo do recreio, como realizava normalmente, formaram uma fila e dirigiram-se para a sala, onde foi pedido que entrassem em silêncio e que se sentassem em círculo no tapete. Isto foi depois da hora de almoço e como de costume, por essa hora, estavam mais excitados. Houve algum barulho e como já tinha ocorrido noutras situações a P3 e o P7 discutiram pelo local onde se iam sentar. Para resolver a situação meti o P7 no meu lado. Como estavam um pouco agitados e tinha na mão o rolo de lã necessário para a atividade, começaram logo a perguntar “Mas para que é?”, o que ajudou a aumentar a confusão. Ai recorri à velha técnica da chantagem... Escondi o rolo e referi que só saberiam quando estivessem calados e resultou... Aproveitei o silêncio e a curiosidade e expliquei a atividade.

Referi que com apenas aquela lã iríamos criar um círculo da amizade, o nosso círculo da amizade. Inicialmente esta atividade tinha como nome rede da amizade. Mas no momento, quando vi o quão excitado estava o grupo para tocar e puxar o fio deduzi que estarem a passar uns aos outros de um lado para o outro não iria ser viável e a confusão iria se instalar novamente. A solução que encontrei, na circunstância, foi de que os alunos iam passando ao colega do lado e assim formava-se o nosso círculo da amizade. Referi que para passarem ao colega do lado tinham de fazer um elogio, dizer algo bonito, simpático, mas verdadeiro sobre aquela pessoa. Optei por não dar exemplos. Neste momento a educadora cooperante interveio e questionou os meninos se ainda se lembravam do arquipélago “Eulândia” que visitaram. Este arquipélago tinha várias ilhas e num dia as crianças “visitaram” uma ilha, a dos elogios. Este projeto tinha

estado na posse da estagiária e tinha sido folheado. Logo no momento compreendi como a ligação entre as aprendizagens realizadas com as novas é essencial, também desejei ter aquela capacidade de mobilização como a educadora cooperante. Talvez a experiência auxilie...

O primeiro elogio foi realizado por mim e foi direcionado ao P7 que estava ao meu lado. Nesse momento percebi como o facto de não podermos escolher a pessoa que queremos elogiar poderá aumentar o grau de dificuldade. Com a vontade de não mostrar hesitação optei por um elogio, a meu ver, pouco pessoal (És um menino muito bem comportado). O que referi realmente era sentido mas logo na ocasião achei que poderia realizar melhor.

A maioria do grupo realizou os elogios mas a P5 no seu momento não conseguiu, parecia envergonhada por ter a atenção direcionada para si ou então por ter de realizar um elogio a um rapaz, o P8. A educadora cooperante chamou-a e disse para lhe dizer ao escuto, mas manteve o olhar para o chão e mãos sempre juntas. A educadora acabou por referir que ela era assim, que ela fica com um “nó” na garganta e que nunca mais dizia nada. Durante esta situação, a meu ver, parecia que o P8 queria receber também um elogio e que observava a colega à espera que algo saísse. Quando a P5 retomou para o seu lugar decidi que deveria de dar o elogio, ao qual o aluno sorriu. A P5 ficou de dizer, se quisesse, no final, um elogio ao P8, mas tal não aconteceu. O pior é que não lhe voltei a perguntar...

Na sua maioria, os elogios, ao contrário do que estava à espera, eram muito concretos e baseados em situações do dia-a-dia, como por exemplo: Jogas bem futebol, sabes pintar muito bem, gosto de brincar contigo, sabes cantar muito bem, és bom a matemática... Havendo também alguns que referiram: és meu amigo(a) és bonito(a).

O facto de não ter mentalmente os elogios associados às crianças que os fizeram e às que os receberam mostra que a minha atenção não estava focada no essencial da atividade, mas sim focada em controlar o P14 e o P2 que constantemente queriam puxar o fio para si! Foram constantes as vezes que tive de os chamar à atenção.

Penso que foi uma atividade interessante, mas alguns alunos repetiam outros colegas. Inicialmente, fui deixando passar, no entanto, com o passar dos alunos, aos poucos ia dizendo que era repetido e que deveriam pensar noutros elogios. A verdade é que com estas crianças tinha de dar vários exemplos e eles escolhiam um. Na ocasião pareceu-me uma boa opção, mas a realidade é que o elogio estava a ser dado por mim, no fim de contas, e não pela criança. Mas como eu própria não tinha estado totalmente

satisfeita com o elogio que tinha feito inicialmente consegui compreender a dificuldade que esta atividade trazia para crianças tão pequenas.

No final, conclui referindo que o nosso círculo da amizade estava formado. Os objetivos principais da atividade eram: que as crianças recebessem elogios e que conseguissem realizá-los aos colegas. Creio que foram bem-sucedidos.

Anexo XV

Excerto de Sequência Didática (Pré-escolar)

Aula de Educação Física

“Descrição das atividades

Dia 7 de maio

(Segunda-feira)

No dia 7 de maio a rotina diária terá início às nove horas com a ida do grupo para a aula de Educação Física. Esta aula será orientada pela estagiária e iniciará com o jogo dos abraços (aquecimento). Neste jogo, a estagiária tem uma pandeireta que vai tocando, enquanto tocar, as crianças correm pela área, quando parar de tocar, as crianças têm de fazer o que esta manda. Exemplo: Se disser *barriga* a criança tem de procurar um par, tocar na barriga dele e ficar parada até a estagiária voltar a tocar a pandeireta. O mesmo procedimento acontece com outras partes do corpo.

Numa segunda fase, a estagiária explica que agora em vez de tocarem em partes do corpo quando parar de tocar pandeireta, têm de arranjar um par para abraçarem. Para aumentar o grau de dificuldade aumenta o número de pessoas no abraço até ocorrer um abraço coletivo.

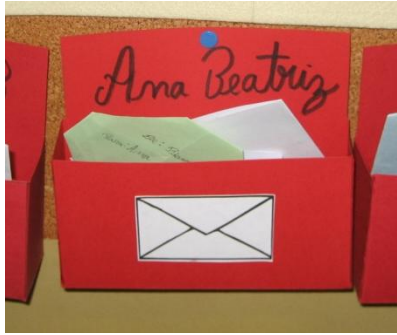
Depois do aquecimento, a estagiária vai referir que existiam três tartarugas, a Verdinha, a Bolinhas e a Fresquinha, que viviam na praia e que um dia decidiram ir caçar camarões para o seu jantar. Mas quando iam no caminho, as três magoaram-se numa das patas! De seguida será referido que os meninos [...] terão de ajudá-las a chegar ao veterinário. As crianças serão divididas em três grupos. Cada grupo vai ter de levar uma tartaruga (lençol) de uma ponta do polivalente até à outra (onde está o veterinário). No começo as crianças podem se mover para diferentes direções e pode demorar algum tempo até que elas percebam que têm que trabalhar juntas para a tartaruga se mover (o objetivo do jogo é mesmo este trabalho de equipa). Quando chegarem ao veterinário (outra ponta do polivalente), vai ser referido que as tartarugas, agora que já estão tratadas, têm de voltar a casa (fazem caminho oposto). De seguida será referido que enquanto as tartarugas ficaram em casa, a melhorar das suas patas, apareceram na praia uns meninos muito mal comportados, que sujaram a praia toda! (nesse momento coloco no chão diversos objetos - papéis, plásticos) e que as crianças deverão ajudar a limpar a “praia” (Distribuo sacos do lixo a cada um).

Neste momento será explicado que na limpeza, não podem colocar o lixo no seu saco mas sim no saco de outro menino (tornando o trabalho mais cooperativo que

competitivo). Também será lembrado quais os objetos que devem ir para o saco amarelo e quais para o saco azul (como na reciclagem).

Quando a praia estiver toda limpa, para celebrar os meninos vão jogar o Jogo de congelados (criança quando é apanhada fica congelada e para a salvarem têm de passar entre as pernas dela). Posteriormente, dependendo do tempo, o relaxamento ocorrerá ou no ginásio ou na sala. Neste momento, cada criança vai fingir que é um coala, para o caso de não conhecerem este animal vou levar uma imagem [...] Irei explicar que os coalas são conhecidos por serem muito preguiçosos, dorminhocos e que fazem movimentos muito lentos. Todas as crianças terão de fazer movimentos idênticos aos da estagiária de forma a realizarem alongamentos. “ (In Sequências Didáticas)

Anexo XVI
Fotografias de caixas de correio



Anexo XVII

Exemplos de recados existentes nas caixas de correio

<p>Da estagiária para alunos</p>	<p>“Os teus queques estavam muito bons! És um bom pasteleiro ☺” – C7 “Gostei da carta que me enviaste ☺ Vou guardá-la!” – C1 “Fizeste muito bem de conjurado! Gostei ☺” – C21 “O desenho que me ofereceste era muito giro! Gostei muito, obrigada ☺” – C3 “És uma atinada! Podias ser espanhola... falaste muito bem espanhol!” Parabéns ☺” – C2 “Gostei do fim da tua história dos “Chibos sabichões” – C11 “Foste o único que tentou decorar a fala na dramatização, gostei! Obrigada pela pulseira, vou guardá-la!” – C5 “O desenho que fizeste do Convento de Mafra ficou muito giro!” - C20 “Gostei de te ver como Marquês de Pombal! Boa dramatização” – C8 “És bom a História! Parabéns ☺” – C10 “Gosto tanto da tua franja ☺” – C5 “Gostei de ser tua professora e da tua mensagem também. Beijinhos” - C17 “Gostei muito de te ver de conjurado. Tens jeito! ☺! “És rápida a correr e a escrever também! Gosto! ☺” – C13 “Tens sempre uns laços tão lindos no cabelo! És uma linda!” – C16 “És bom a dizer trava-línguas. “A Sasha fez chichi no chão da sala” ☺” – C6 “Sempre pronta para ajudar os colegas e a professora. Parecias a minha assistente ☺” – C9 “Reparei que és bom a História. Parabéns!”- C12 “C19, o meu priminho ☺ Passei todos os dias a usar a tua mesa. Obrigada!” – C19 “Li a tua carta e prometo nunca te esquecer! És inesquecível ☺ Um exemplo de aluna” – C14 “Já vi que és muito boa a História. Parabéns ☺” – C15</p>
<p>De alunos para outros alunos</p>	<p>“Oh! C18, eu gosto muito de brincar contigo, quando tu vais para São Roque. Eu gosto de ir brincar contigo e ir para a tua casa jogar” – De C10 para C18 “Olá C13, sabes que eu gostei muito de brincar contigo? E tu já sabes o que é que tu vais brincar amanhã? Pensa bem. Tu és a minha melhor amiga do fundo do coração. Tu sabes, não sabes? Eu já sei o que nós vamos fazer amanhã. Podemos</p>

fazer tanta, tanta coisa, podemos passear com as nossas amigas e podemos partilhar beijinhos.” – De C14 para C13

“És fixe e tu és o maior amigo de todos e estás sempre a brincar comigo” – De C4 para ?

“Olá C9, és uma excelente amiga. E mais uma coisa, como amiga és gira, bonita e gosto muito de ti. <3” – De C19 para C9

“Gosto de ti porque és meu primo, eu gosto de brincar às escondidas e tu o que gostas de brincar?” – De C5 para C6

“Tu és o meu melhor amigo e eu nunca te vou esquecer. Estás no meu coração e não saís de lá dentro, de onde faz tum! Tum! tum!” De C6 para C21

“Olá como estás? Eu sei que tu tens um namorado. Sei quem é <3” – De C1 para C3

“Eu gosto muito de brincar contigo. Tu vais estar sempre no meu coração, aconteça o que acontecer <3” – De C3 para C9

“És um bom amigo e também és fixe. Lindo como amigo e adoro brincar contigo. FIXE ☺” – De C20 para C21

“Gosto de ser teu amigo!” – De C7 para C11

“Gosto da tua roupa e gosto de brincar contigo!” – De C15 para C1

“És um bom amigo e um bom colega. Fazes sempre os trabalhos.” – De C12 para C18

“C14, eu gostei de estar contigo no recreio com as nossas amigas. Eu quero que a gente fique sempre amigas. Eu quero dizer-te eu sou a tua amiga para sempre.” – De C13 para C14

“Gostei muito de brincar contigo hoje e gostei da nossa brincadeira. Tu és um grande amigo e gosto que tu sejas meu amigo.” – De C21 para C6

“Olá” Gosto de ser o teu melhor amigo e gosto de brincar contigo.” – De C11 para C7

“Gosto de brincar contigo às apanhadas, escondidas e ao congela. Quem me dera estar sempre contigo em casa do meu pai” – De C18 para C10

“Gosto muito de brincar contigo no recreio e quando vais para a minha casa e a gente anda de patins e brinca à bola lá fora. E gosto muito de ti <3” – De C9 para C13

Anexo XVIII

Exemplo de atividade autónoma (1.º Ciclo)

Atividade com a reta cronológica da 4ª Dinastia

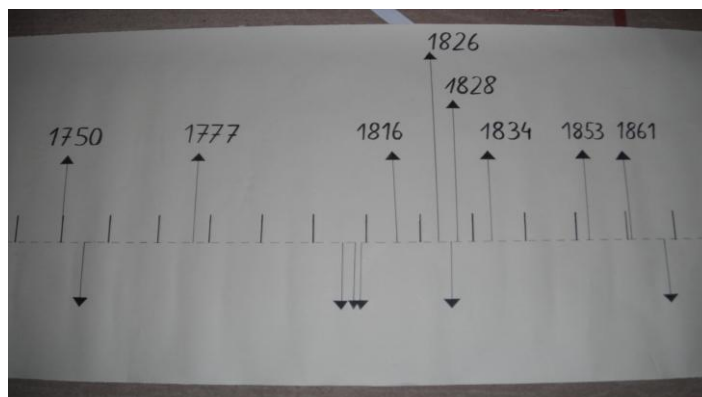


Ilustração 1

Justificação da atividade, retirada da última sequência didática do 1º Ciclo : “Na construção das coroas, cada aluno tem liberdade para criar a sua própria coroa e desenvolver a sua criatividade. Ao conseguir realizar, de forma independente, a moldagem, o recorte e a decoração, pretende-se que ganhem confiança para atividades autónomas mais difíceis. Conforme o desempenho dos alunos, nesta atividade, partir-se-á, no dia seguinte, para uma atividade mais difícil, em que devem, na medida do possível, resolver de forma autónoma. Esta atividade, que consiste em preencher uma reta cronológica, centra-se no desenvolvimento do raciocínio lógico. Foi observado que muitos alunos têm dificuldade em contextualizar os resultados que obtêm nos seus cálculos, por exemplo, na ficha de avaliação, realizada pela minha colega [...], o C8 realizou um cálculo onde o resultado da subtração era maior que os dois números juntos. Esta atividade poderá ainda ajudar os alunos a refletirem mais sobre os números e as relações existentes entre eles” (in Sequências Didáticas 1.º Ciclo)

Explicação: Antes de realizar esta atividade os alunos já estavam familiarizados com o recurso friso cronológico. Cada formando teve um friso (apresentado em baixo) para completar com datas importantes. Houve ainda uma exploração conjunta de questões matemáticas e questões históricas, com o auxílio de um friso grande (ilustração 1).

Etapas da atividade:

- Apresentar a reta cronológica em tamanho grande, que estará colada no quadro.
- Cada aluno recebe um friso em tamanho A3 e folha com informações sobre a 4ª Dinastia.
- Recortam os nomes dos reis e os acontecimentos que posteriormente têm de colar na sua reta cronológica.

- De seguida, colocam-se diversas questões relacionadas com esta dinastia e com Matemática.
- Depois de procurarem autonomamente a resposta à questão colocada pela estagiária, em conjunto, resolve-se na reta cronológica grande.

Impacto junto dos alunos:

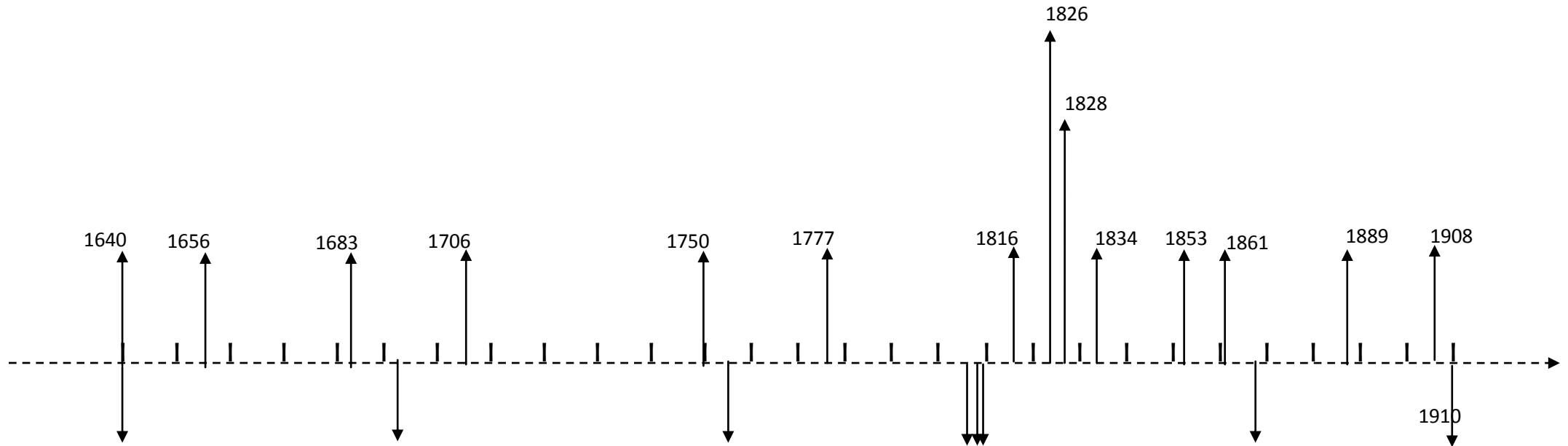
- A estagiária crê que a atividade/recurso auxiliou os alunos a situarem no tempo acontecimentos importantes.
- Ainda que o trabalho fosse de cariz autónomo muitos alunos necessitavam de reforços positivos.
- Os alunos tiveram a oportunidade de explicar, aos colegas, os seus diferentes raciocínios para a resolução da mesma questão.

Exemplos de questões colocadas:

- Sublinha, na reta, a verde todo o século XVIII. Faz o mesmo para o século XIX, utiliza a cor vermelha.
- Quem foi o 1º rei da 4ª Dinastia? E o último?
- Em que século foi descoberto o ouro no Brasil? E em que reinado?
- Que rei da 4ª Dinastia reinou mais anos? Utiliza cálculo mental.
- Quantos anos durou a 4ª Dinastia? Utiliza cálculo mental.
- Quantos séculos esta dinastia percorreu?

Jogo de memória – Professor dá uma pista sobre a pergunta que vai fazer e dá um pequeno tempo para os alunos olharem para a reta. De seguida, todos tapam a reta e o professor escolhe alguém para responder à questão (proibido olhar para a reta).

4ª DINASTIA – DINASTIA DE BRAGANÇA



D. João IV	D. Afonso VI	D. Pedro II	D. João V	D. José I	D. Maria I	D. João VI
D. Pedro IV	D. Miguel	D. Maria II	D. Pedro V	D. Luís I	D. Carlos I	D. Manuel II

1 de dezembro de 1640

Restauração da Independência

1693

É descoberto ouro no Brasil

1755

Terramoto de Lisboa

1807

1ª invasão francesa

A família real

parte para o Brasil

1809

2ª invasão francesa

1810

3ª invasão francesa

1869

Fim da escravatura

1910

Implantação
da República

Anexo XIX

Transcrição de vídeo da 2ª etapa da atividade “As Coroas”

Transcrição de vídeo realizado durante de uma das atividade de autoestima

Esta atividade decorreu nos dias 22 e 23 de novembro de 2012 com a turma do 1.º Ciclo que realizei o estágio. No primeiro dia realizaram a construção de coroas com diferentes materiais e com total liberdade. No dia seguinte realizou-se a entrega das coroas e a aprendizagem de uma dança típica do século XVIII. Esta transcrição insere-se neste segundo momento. Antes da gravação a estagiária, em conjunto com os alunos, desviou algumas mesas de forma a existir no meio da sala um corredor. O aluno, que era chamado pela estagiária, tinha de percorrer este corredor e no fim, junto ao quadro, tinha de proferir uma razão real de porque merecia ser rei. Após isto seria “coroadado” e voltaria ao seu “trono” (cadeira) com a coroa. Depois de explicados os passos e a atividade, começou a parte que está gravada.

Objetivos da 1ª etapa:

- Desenvolver o sentimento de competência através da realização de trabalho autónomo;
- Desenvolver a criatividade dos alunos;

Objetivos da 2ª etapa da atividade:

- Promover a reflexão sobre si mesmo;
- Promover o desenvolvimento do sentimento de ser uma pessoa digna e especial;

Objetivo da 3ª etapa:

- Reconhecer o trabalho realizado pelos alunos através da utilização das coroas durante a aprendizagem da dança *Bourrée*.

Legenda:

> símbolo de passagem de um aluno pelo corredor (ida)

< símbolo de passagem de um aluno pelo corredor (regresso)

As falas que são de “Aluno” são de crianças que não foi possível reconhecer a voz.

Transcrição da entrega de coroas			
Duração: 10 minutos	Observações	Comentários	
	<p>Estagiária: Porque é que achas que deves ser rei?</p> <p>Professora titular: Playstation...</p> <p>Estagiária: Deixa-me ver quem é o seguinte...C8...Anda (sorri)</p> <p>Faço gesto com o dedo para o C18 ficar em silêncio.</p> <p>Sabes jogar com teu irmão é?</p> <p>Não quero repetições (sorri). Muito bem. (fui buscar outra coroa)</p> <p>(estou a tirar coroa)</p>	<p>Alunos: C12 – Porque eu sei jogar Playstation</p> <p><</p> <p>></p> <p>C8 – (atravessa corredor) Porque é que achas que mereces ser rei?</p> <p>C18 – Eu também ia dizer isso.</p> <p>C8 – Porque eu gosto de jogar com meu irmão.</p> <p>Diz que sim apenas com a cabeça (atravessa corredor sorrindo)</p> <p><</p> <p>C21: Mais vale a pena tirar a mochila.</p>	<p>Quando é coroado o grupo ri-se.</p> <p>Parece apressado em atravessar o corredor.</p> <p>(está permanentemente sorrindo, parecendo muito feliz ao ser coroado)</p> <p>Tom assertivo e não autoritário (Estagiária)</p> <p>Alunos em silêncio parecem atentos.</p> <p>Ao dizer isto parece “farto” que eu toque na mochila dele quando passo.</p>

	<p>(vejo o nome na coroa) C19.</p> <p>(olho para o relógio)</p> <p>Shiu (com gesto) Acabou.</p> <p>C19, porque é que achas que deves ser rei?</p> <p>Boa.</p> <p>(C21 passa-me uma coroa)</p>	<p>C6: Ainda bem não foi a minha.</p> <p>C10: A minha está em cima da caixa de primeiros socorros.</p> <p>Aluno: E a minha.</p> <p>></p> <p>C19. (levanta-se e dirige-se para o corredor)</p> <p>Aluno: Há pessoas.. (não se percebe o resto)</p> <p>C19: Porque gosto muito de Portugal.</p> <p><</p>	<p>O aluno estava sentado na frente e poderia não atravessar o corredor todo, mas optou ir para o fundo da sala e atravessar na totalidade.</p> <p>Alunos parecem bem-dispostos, havendo pequenos risos.</p> <p>Demora mais que os colegas a atravessar.</p> <p>Penso que olhei para o relógio para ver o tempo que ia demorar esta etapa da atividade.</p> <p>Estava silêncio, por isso penso que o “shiu” era para o aluno que falou. Parece que o que o aluno disse não era adequado.</p> <p>Aluno viu eu que precisava de uma coroa e mostrou-se ativo em ajudar, visto que estavam em cima da sua mesa. No vídeo não é possível ver mas a C14 e</p>
--	---	---	--

<p>2 minutos</p>	<p>C9!</p> <p>C18 (gesto para se calar)</p> <p>Porque é que achas que deves ser rainha?</p> <p>É a melhor coisa que tu fazes é jogar computador?</p> <p>C6!</p> <p>Porque é que achas que deves ser um rei?</p> <p>Boa.</p> <p>C4! Shiu.</p>	<p>C9: Eu?? Ah professora...</p> <p>></p> <p>C9: Porque sou boa a jogar computador.</p> <p>Sim.</p> <p>></p> <p>Ehh.</p> <p>></p> <p>C6: (“abrindo” os dois braços) Porque gosto da minha família.</p> <p><</p>	<p>C9 também estavam a ajudar, tirando as coroas do armário e colocando na mesa do C21.</p> <p>Sorri constantemente e apressa-se para ir para o corredor.</p> <p>Chamo o C18 para voltar a estar atento.</p> <p>Enquanto coroava a C9 o C21 já estava a escolher qual a coroa seguinte que me queria dar.</p> <p>Não sorriu durante toda a “coroação”, no fim faz um sorriso “falso” olhando para o C10, parece não gostar da atividade, os colegas mantêm as coroas mas ele logo após de se sentar tirou a sua.</p> <p>Nem está muito barulho, apenas sussurros.</p>
------------------	--	---	---

	<p>C4, porque é que achas que deves ser um rei?</p> <p>Aqui tens a tua coroa artista (sorri)</p> <p>C3! Porque é que achas que mereces ser uma rainha?</p> <p>Diz.</p> <p>C21! Porque é que achas que mereces ser um rei? (Começo-me a rir)</p> <p>Oh, agora atenção. C18.</p>	<p>></p> <p>Porque sou artista e quero uma coroa artista (aponta para a coroa)</p> <p>C4: Yeah.</p> <p>Aluno: És artista. < (C6 tem novamente a sua coroa na cabeça)</p> <p>> (atravessa com mãos juntas e a fazer barulho com os pés) (fala muito baixo, não se percebe)</p> <p>C3: Porque gosto de ajudar minha mãe.</p> <p><</p> <p>C21: Porque eu sou muito lindo e sou muito bom. (sorri)></p> <p>< (turma ri durante uns segundos)</p>	<p>Parece satisfeito ao sorrir.</p> <p>Parece que estou com pressa porque a C3 ainda não terminou de atravessar o corredor e já estou a perguntar!</p> <p>O seu percorrer do corredor, ida e volta, parece diferente dos colegas, meio “apalhaçado”</p> <p>Tem um andar muito natural na ida, já na vinda desfila - parece satisfeito com os risos</p>
--	--	--	--

	<p>Diz lá!</p> <p>Porquê?</p> <p>Fazes muito bem ajudar tua avó!</p> <p>C13! (olho para o relógio)</p> <p>Pronto já está...C13 agora és tu.</p> <p>Posso-me sentar aqui? (pergunto baixinho ao C11)</p> <p>(Sento-me no canto da mesa do C11, mas, um segundo depois volto-me a levantar)</p> <p>Porque é que achas que deves ser uma rainha?</p>	<p>(ainda na mesa diz)</p> <p>O que eu gosto muito é de ajudar a minha avó.</p> <p>></p> <p>C18: (ri-se enquanto fala, não se percebe o início) ...porque eu gosto de ajudar minha avó.</p> <p>Porque eu bato o recorde em ajudar minha avó.</p> <p><</p> <p>E eu ainda ajudei minha avó enquanto estava de braço de gesso.</p> <p>C13 (em tom baixo) Nãoo...</p> <p>(colegas riem)</p> <p>(C11 diz que sim, acenando a cabeça)</p> <p>></p> <p>(C13 percorre o corredor e em dado momento tapa os olhos com a mão)</p>	<p>Como o aluno começou a falar mais cedo esqueci-me de fazer a pergunta. Parecia muito interessado em falar da sua relação com a avó.</p> <p>Parece estar envergonhada.</p>
--	---	--	--

<p>4 minutos</p>	<p>Gostas de ajudar teu irmão.</p> <p>(Pego em duas coroas de uma vez)</p> <p>C10!</p> <p>Oh vai também...</p> <p>C10, porque mereces ser um rei?</p> <p>Porque ele gosta de ajudar o seu pai. Muito bem.</p> <p>(eu endireito a coroa)</p> <p>Estagiária Sofia: Daniela, a C16.</p>	<p>C13: (em tom baixo e a esfregar as duas mãos constantemente) Porque gosto de ajudar meu irmão.</p> <p>Aluno: Hem?</p> <p><</p> <p>(C13 não percorre o corredor por completo na vinda- “faz atalho”)</p> <p>(C10 dirige-se para o fundo do corredor)</p> <p>C18: Ouh para onde é que ele vai?</p> <p>></p> <p>C10: Tá ao contrário (aponta para coroa)</p> <p>Porque eu gosto de ajudar meu pai.</p> <p>C6: ‘Tá de lado.</p> <p><</p> <p>C18: Ela ‘tá de lado, vê ‘tá toda torta.</p>	<p>C6 referia-se à coroa do colega.</p> <p>Alguns alunos riem, por isso aparentemente o ambiente é agradável ainda.</p> <p>Colega de estágio alertou-me porque a aluna em questão tinha de sair da</p>
------------------	--	--	--

<p>5 minutos</p>	<p>C7, anda.</p> <p>C7, porque é que mereces ser um rei?</p> <p>Porque ajudas tua mãe. Muito bom! Podes ir para o teu trono. Mereces uma salva de palmas (rio-me) Podes ir para o teu trono.</p> <p>C16!</p> <p>É melhor eu ir... (dirijo-me para aluna em questão e desvio mesas)</p> <p>C7, deixa a tua (mesa).</p> <p>Silêncio meninos.</p> <p>C16, porque mereces ser uma rainha?</p>	<p>></p> <p>C7: Porque ajudo minha mãe.</p> <p>Eu mereço uma salva de palmas.</p> <p>(turma bate palmas)</p> <p><</p> <p>Aluno: Chega a mesa mais para a frente)</p> <p>(C2, C6, C4 e C15 desviam as suas mesas)</p> <p>C18: Tnantanan</p> <p>></p> <p>(C8 sorri e bate palma olhando para C16 a atravessar o corredor e acaricia-lhe o braço)</p> <p>(C18 toca-lhe no braço)</p> <p>Bolsista que acompanha a criança: Porque adoro comer.</p> <p>(risos gerais)</p>	<p>sala mais cedo (aluna com síndrome de Rett).</p> <p>Não foi necessário eu pedir para baterem palmas.</p> <p>Sem pedir os alunos ajudavam-me a organizar a sala para a aluna de cadeira de rodas conseguir passar. C18 fez som típico de cortejo durante a sua passagem. Parecem ter carinho pela aluna.</p>
------------------	---	---	--

6 minutos	<p>Linda.</p> <p>C14!</p> <p>Oh C21, acabou...</p> <p>C14, porque merces ser uma rainha?</p> <p>Muito bem. Vais dar uma bela rainha (rio).</p> <p>C17! Porque mereces ser um rei?</p> <p>Gostei muito. Muito bem.</p> <p>És sempre amigo. Gostei.</p> <p>C15!</p> <p>Porque mereces ser uma rainha?</p> <p>Muito bem.</p>	<p>(C19. começa a bater palmas)</p> <p>(turma bate palmas)</p> <p><</p> <p>C21: Óh professora, eu sou tão mau...</p> <p>></p> <p>C14 (fala mexendo no cachecol) Gosto de Portugal e gosto dessas pessoas que aqui vivem.</p> <p><</p> <p>(risos)</p> <p>></p> <p>C17: (sem mexer o corpo e gaguejando) Porque quando os amigos separam-se eu tento ...a ser outra vez amigos.</p> <p>(Aluno reage sorrindo)</p> <p><</p> <p>(algumas crianças batem palmas)</p> <p>></p> <p>Aluno: Metade da turma já 'tá coroada.</p> <p>></p> <p>C15.: Porque gosto de</p>	<p>Penso que o C21 referia-se ao facto de estar a escolher a ordem. Respondi-lhe num tom assertivo e não autoritário)</p> <p>Ambiente positivo contínua.</p> <p>Postura rígida, parece “desconfortável”</p>
-----------	---	---	---

	<p>C20! C20, quase que és mais alto que eu. Porque mereces ser um rei?</p> <p>Professora titular: É repetido.</p> <p>C5! Porque mereces ser uma rainha?</p> <p>Porque gostas dos teus amigos. Estagiária S: Do C11? Eu: O C11 também tem ali. Fiz uma para a C1 e para o C11, porque eles ...</p> <p>(Vou buscar as coroas do C11 e C1, ao fundo da sala) Espera aí...</p>	<p>ajudar.</p> <p><</p> <p>C21: (ao entregar-me a coroa) C20.</p> <p>(sorri)</p> <p>></p> <p>C20: Porque gosto de ajudar.</p> <p><</p> <p>(saindo tapa a cara)</p> <p>></p> <p>C5: (em tom baixo e com as mãos a mexer no quadro) Porque gosto dos meus amigos.</p> <p><</p> <p>C18 e outros alunos completam: Faltaram!</p> <p>Aluno: Ah, tão bonito.</p>	<p>A professora titular ficou falar um pouco com ele.</p> <p>Penso que tapou a cara por termos referido que era repetido.</p> <p>Turma parece estar atenta e alunos continuam curiosos, a seguir o que faço.</p>
--	--	---	--

	<p>disseram isso.</p> <p>Porque gostas de aprender...</p> <p>Adulto presente na sala:</p> <p>Era bom C11.</p> <p>Estagiária: Ele gosta... Não gostas?</p> <p>Adulto presente na sala:</p> <p>Gosta muito de aprender e de sujar os joelhos.</p>	<p><</p> <p>(acena com a cabeça)</p>	
--	---	---	--

Anexo XX

Declarações retiradas da transcrição referente à atividade “As coroas”

Aluno	Declaração
C12	“Porque eu sei jogar Playstation”
C8	“Porque eu gosto de jogar com o meu irmão.”
C19	“Porque gosto muito de Portugal”
C9	“Porque eu sou boa a jogar computador”
C6	“Porque gosto da minha família”
C4	“Porque sou artista e quero uma coroa artista”
C3	“Porque gosto de ajudar a minha mãe”
C21	“Porque eu sou muito lindo e sou muito bom”
C18	“Porque eu gosto muito de ajudar a minha avó. Porque bato o recorde a ajudar minha avó”
C13	“Porque gosto de ajudar meu irmão”
C10	“Porque eu gosto de ajudar o meu pai”
C7	“Porque ajudo minha mãe”
C16 – Bolsista	“Porque adoro comer”
C14	“Gosto de Portugal e gosto dessas pessoas que aqui vivem”
C15	“Porque eu gosto de ajudar”
C20	“Porque eu gosto de ajudar”
C5	“Porque gosto dos meus amigos”
C11	“Porque gosto de jogar computador (repetido) e gosto de aprender”
C1	“Porque gosto dos meus irmãos”
C17	“Porque quando os amigos separam-se eu tento... a ser outra vez amigos”